

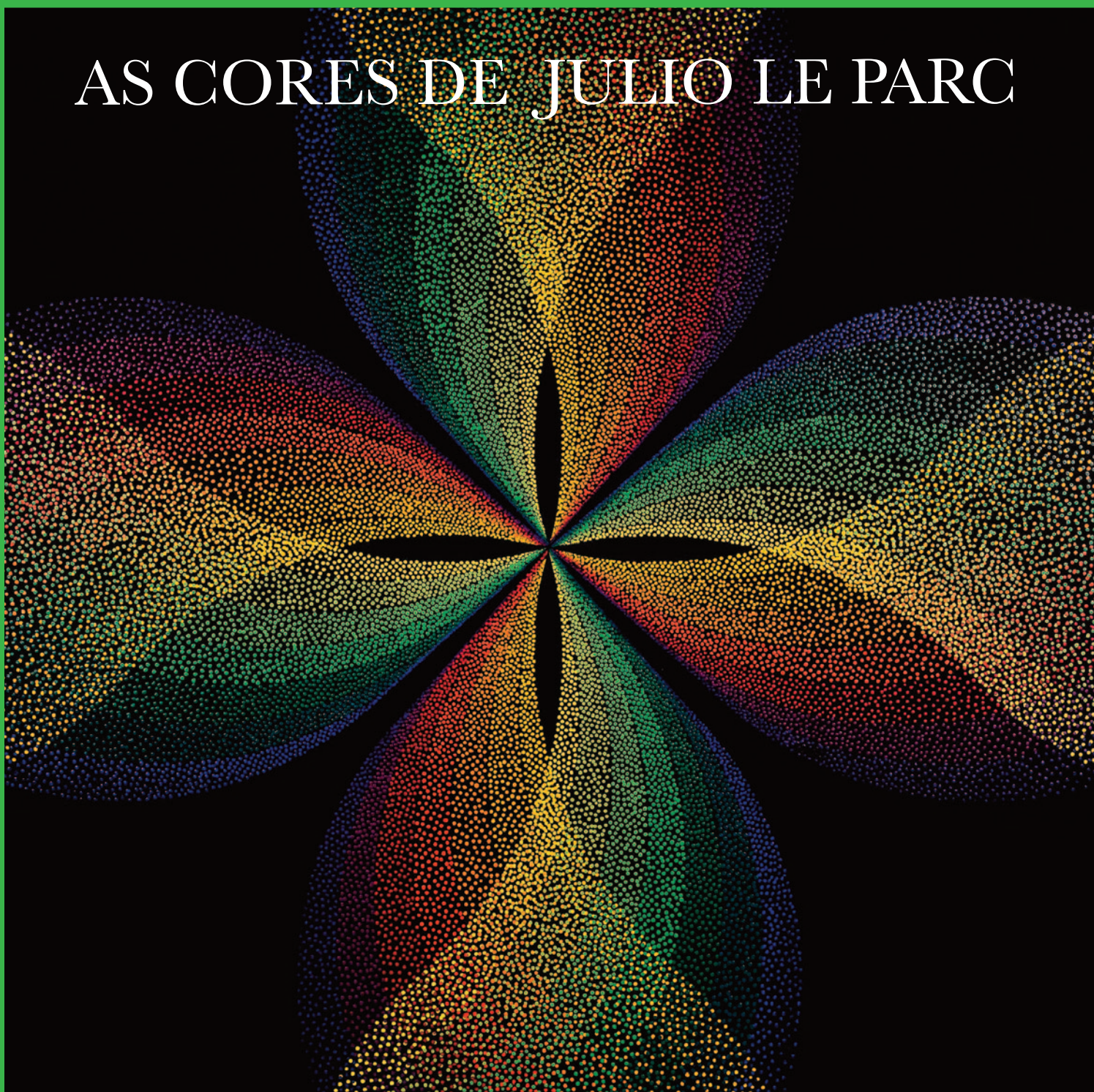
OXIGÊNIO

AGOSTO 2024

o

NÚMERO 60

AS CORES DE JULIO LE PARC



EDITORIAL

LUZES, CORES

Genial é “imparável”, Júlio Le Parc – um dos mais celebrados mestres da arte cinética do mundo – esbanja talento e vitalidade aos 96 anos. Fiel a sua forma de expressar a arte com materiais e técnicas inovadoras, segue realizando experiências instigantes com luz, movimento e cor.

Entre os notáveis exemplos de sua produção mais recente, está a série “*Alquimias*”, – um conjunto de treze pinturas onde as cores são reduzidas a pequenos fragmentos, como se fossem partículas, que se agrupam e se organizam de diferentes maneiras.

As obras, criadas este ano, fazem parte de um total de 50 trabalhos da mostra *Couleurs* (capa da edição) que será exibida na Galeria Nara Roesler, em São Paulo, a partir do dia 8. Outras séries pictóricas, além de obras tridimensionais do artista – uma de suas marcas de beleza e de experimentos cinéticos, completam a mostra que permanecerá na galeria até o dia 12 de outubro.

... AÇÃO!

A realização da 13ª edição do Filmambiente, de 22 a 30 deste mês no Rio de Janeiro e em Niterói, é outro destaque dessa edição. Entre os 58 filmes selecionados, estão as melhores produções brasileiras e internacionais sobre questões ambientais, de sustentabilidade e de regeneração da vida no planeta. A programação é gratuita e também inclui painéis temáticos com a presença de diretores e convidados.

Boa leitura!

Capa: Julio Le Parc, *Alchimie 574*, 2024 – Foto: Emilie Mathe Nicolas

ÍNDICE

04

OXIGENE: *Macário do Brazil* | *Mundo Suassuna* | *Let's Play That ou Vamos Brincar Daquilo* | *Um Pássaro Não É Uma Pedra* | *Harry Potter aparata* na Oca do Ibirapuera, São Paulo

14

MATÉRIA DE CAPA: Julio Le Parc – Couleurs

20

13ª edição Filmambiente acontece entre 22 e 30 de agosto no Rio de Janeiro e em Niterói

24

Obra e olhar curatorial de Cristina Canale em mostras paralelas na Casa Roberto Marinho
Dar Forma ao Mundo + Paisagem e Memória

31

Notícias do Brasil

36

DIRETO DE LONDRES: Um oceano de histórias

40

Paço Imperial, RJ, inaugura dia 3 duas exposições – *Agitações pelo Número*, de José Patrício e *Terra Vermelha*, de Raul Leal

47

Três mostras inéditas inauguram II Ciclo Expositivo de 2024 da Casa de Cultura do Parque, SP

51

Panmela Castro no Museu de Arte do Rio

55

Parsons Dance

59

Vencedores da 13ª edição do Prix Photo Aliança Francesa



Foto: Ligia Jardim

MACÁRIO do *brazil*

Carlos Canhameiro retoma clássico de Álvares de Azevedo e estreia temporada no TUSP – Teatro da Universidade de São Paulo

Peça inacabada do escritor brasileiro relata um encontro emblemático entre um jovem estudante e o Satã. O espetáculo revisita o clássico “*Macário*”, de Álvares de Azevedo (1831-1852), publicado postumamente em 1855, único trabalho do escritor pensado para o teatro.

A trama é dividida em dois episódios. No primeiro, o jovem estudante Macário chega em uma taverna para passar a noite e começa a conversar com um estranho sobre as várias concepções de amor e da poesia. De re-

pente, ele descobre que o seu interlocutor é o Satã e parte com ele para a cidade de São Paulo.

No segundo momento, a narrativa acontece na Itália. O protagonista deseja morrer e encontra o amigo Pensaroso (na versão de Canhameiro, será Pensarosa), que está apaixonado. Os dois travam diálogo sobre o amor, a filosofia e a literatura, e Macário é levado pelo Satã para uma orgia em uma taverna. De acordo com a pesquisa de Canhameiro, o crítico literário Antonio

Candido aposta na ideia de que a continuação de “Macário” é justamente o livro *Noite na Taverna* (1855), também de Azevedo.

Álvares de Azevedo morreu jovem, com 20 anos, e nenhuma das suas obras foi publicada em vida. Mesmo assim, ele é conhecido como o principal nome do ultrarromantismo brasileiro. “É incrível que uma pessoa com menos de 20 anos tenha escrito uma peça no século 19 que apresenta estrutura celebrada na contemporaneidade. Para mim, Macário coloca o teatro como o lugar da diversão, da invenção, da imaginação, do inacabado, daquilo que ainda não é possível ser capturado pela razão. E é com essas ideias em mente que eu construo as minhas encenações”, afirma Canhameiro.

Para situar todas estas ideias no palco, Canhameiro colocou em cena um coro de 20 jovens de 20 anos. Eles são, em sua maioria, estudantes de teatro e dança de diferentes escolas, cursos técnicos e universidades da cidade de São Paulo e região. No elenco estão Alitta (exBlackyva), primeira atriz travesti preta indicada ao Prêmio Shell por sua performance em *Chega de Saudade*; Danielli Mendes, artista da dança; José Roberto Jardim, que recentemente concorreu ao Prêmio APCA pela direção da peça *PAWANA*; e Nilcéia Vicente, cantora e atriz fundadora do *Grupo 59* de Teatro.

A aposta do projeto é colocar no palco o texto de Álvares de Azevedo em diálogo com as manifestações estéticas contemporâneas, juntando o jazz livre e a MPB, o pós-dramático e o musical, o teatro documentário e a dança.

O espetáculo será apresentado de 2 de agosto a 1º de setembro, com sessões gratuitas de quinta a sábado, às 20h; aos domingos, às 18h. Às sextas-feiras, a peça ganha um novo formato com a inserção de uma palestra (30m) entre a primeira parte e o final.

SERVIÇO

MACÁRIO do brasil

TUSP Maria Antonia

Rua Maria Antonia, 294, Vila Buarque, São Paulo / SP

Ingressos: gratuitos

SESSÕES COM PALESTRAS

09/08 – MACÁRIO OU DO DRAMA ROMÂNTICO BRASILEIRO
Andréa Sirihal Werkema – Professora de Literatura Brasileira da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), e doutora em Literatura Brasileira pela UFMG. Publicou e/ou organizou, entre outros, *Macário, ou do drama romântico em Álvares de Azevedo* (Ed. UFMG, 2012).

16/08 – TEATRO E TRANSFORMAÇÃO

Ave Terrena – Dramaturga, diretora teatral, poeta e professora da Escola Livre de Teatro de Santo André. Entre seus últimos trabalhos, destacam-se “a curadoria no Rumos Itaú Cultural, SESC Pulsar 2023”, e a 9ª Mostra de Dramaturgia do CCSP. É integrante da *Pioneer House of Hands Up*.

23/08 – TEATRO E ABJEÇÃO

Janaína Leite – Atriz, diretora, dramaturga e pós-doutoranda pela Escola de Comunicação e Artes da USP. Nos últimos anos, vem pesquisado as relações entre teatro e pornografia, com interesse especial por linguagens híbridas, a perspectiva ob-cena que aproxima teatro e performance, arte e vida, fronteiras difusas entre práticas artísticas e práticas sócio-culturais.

30/08 – DRAMATURGIA BRASILEIRA E FORMAS CONTEMPORÂNEAS

Wellington Andrade – Editor da revista *Cult* e crítico de teatro da mesma publicação desde 2013, é doutor em Literatura Brasileira pela USP e bacharel em Artes Cênicas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. É autor de um dos capítulos da História do teatro brasileiro: do modernismo às tendências contemporâneas e do prefácio de *Viagem mágica*, de Décio Pignatari.

MUNDO SUASSUNA



Henrique Stroeter

Foto: Andressa Costa

*Teatro Sesc Bom Retiro, SP, apresenta o universo da cultura popular
na obra do autor paraibano*

Mundo Suassuna, com direção e dramaturgia de Marcelo Romagnoli, estreia no teatro do Sesc Bom Retiro no dia 11 de agosto, com temporada até 8 de setembro. Inspirado no universo literário de Ariano Suassuna (1927-2014), o espetáculo mostra os desatinos de um príncipe durante uma viagem pelo Sertão com o seu cavalo, em busca de um reino e de sua coroa perdida.

Numa travessia feita de reviravoltas, o cavaleiro errante enfrenta enigmas, caveiras e uma onça malhada pelas estradas pedregosas do Império Consagrado do Sertão. Em cena estão os atores Fabio Espósito, Guryva Portela e Henrique Stroeter. A ficha técnica traz ainda o filho do escritor, Manuel Dantas Suassuna, responsável pela criação de painéis e estandartes presentes no cenário. A cantora e rabequeira Renata Rosa assina a trilha sonora original; Silvana Marcondes, os figurinos; Zé Valdir, a cenografia; e Rodrigo Bella, a iluminação.

A montagem é a primeira voltada ao público infanto-juvenil reconhecida pela Família Suassuna. O texto, inédito, reúne motivações e personagens da obra do escritor paraibano, e faz referências a temas fundamentais de sua trajetória, como o *Romance da Pedra do Reino*, o impacto do circo, a guiança divina, os aspectos armoriais, as influências ibéricas e, principalmente, as inspirações de seu último romance, o monumental *Dom Pantero* (publicado postumamente, em 2017, editora Nova Fronteira).

Em *Mundo Suassuna* um caleidoscópio de histórias revive a mítica do sertão nordestino. Com signos e referências como as figuras do mamulengo, bonecos e demais elementos da cultura popular, a encenação conta também com desenhos e gravuras no cenário e figurino. O texto repercute a literatura de cordel e recorre a seus elementos, como o humor, rimas e versos dodecassílabos. A música, executada com rabeça,

viola e percussão, faz a ponte entre a cultura ibérico-nordestina.

Montado em seu cavalo Pantero, esse príncipe sem rei (um Suassuna órfão de pai, interpretado por Guryva Portela) carrega seu caderno e anota nele a vida, buscando reencontrar a cultura popular. Atravessando a Cidade e o Sertão, o Cavaleiro enfrenta a Morte, enquanto decifra enigmas, guiado pela Santa Compadecida. Escrevendo e documentando a aventura, o resultado é um livro, que se torna sua obra, coroada numa celebração conhecida como a “*Festa do meio-dia*”.

SERVIÇO

Mundo Suassuna

De 11 de agosto a 8 de setembro

Sesc Bom Retiro

Alameda Nothmann, 185, Campos Elíseos, São Paulo / SP
Tel.: (11) 3332-3600

Ingressos disponíveis pelo APP Credencial Sesc SP, no site sescsp.org.br/bomretiro, ou nas bilheterias

Classificação: Livre



Foto: Andressa Costa



Foto: Ronald Nascimento / Studio Beco

“Let’s Play That ou Vamos Brincar Daquilo”

*Espetáculo com Tuca Andrada,
celebra vida e obra de Torquato Neto,
no CCBB Rio*

Em um híbrido de recital de poesia, stand-up show, performance, jogo e aula-espetáculo, Tuca Andrada narra seu encontro com a vida-obra do poeta e letrista Torquato Neto (1944/1972), um dos nomes seminais do Tropicalismo, e o encantamento que surgiu desse encontro. Durante pouco mais de uma hora o ator se relaciona com o público como se estivesse numa roda de amigos, com ajuda apenas de um banco, sonoplastia, música, canto, dança e com um chão coberto com as poesias de Torquato.

A ideia para o espetáculo surgiu a partir do encontro do ator com a edição de “*Torquatália*”, de Paulo Roberto Pires, que apresenta uma antologia do Torquato Neto, tanto de sua obra poética quanto em prosa, além de textos inéditos, correspondências, artigos de sua coluna no jornal Última Hora e publicações diversas, algumas desconhecidas. Daí Tuca partiu para a criação do espetáculo, atuando e dirigindo em parceria com a também pernambucana Maria Paula Costa Rêgo.

“Let’s Play That é o nome de uma poesia do Torquato Neto que foi musicada pelo Jards Macalê; Vamos Brincar Daquilo é uma tradução livre para o título em inglês, e esse sentido de jogo, de brincar, é um chamamento para o

público se relacionar comigo durante o espetáculo”, revela Tuca Andrada.

Em um palco em formato de semi-arena, o ator recebe cada um dos espectadores. A proposta é que se acomodem bem próximo dele, para reviver e acompanhar de perto a vida e a obra de Torquato Neto, falecido há 52 anos. *“Um artista inclassificável e não enquadrável, sob qualquer aspecto”,* como afirma Tuca Andrada, que fala sobre Torquato sem as amarras de uma narrativa biográfica tradicional, como já havia experimentado no aclamado musical sobre a vida do cantor Orlando Silva.

Durante o espetáculo Tuca Andrada interpreta um artista popular, em alguns momentos ele mesmo e em outros o próprio Torquato, contando, cantando, vivendo histórias e impressões suas, costurando a dramaturgia com canções de autoria do Torquato, composições como *Louvação* e *Geleia Geral*, com Gilberto Gil; *Mamãe Coragem* e *Nenhuma dor*, com Caetano Veloso; e *Let’s play that*, com Jards Macalé. Músicas que colocam em evidência o legado do artista para o Tropicalismo.

“Muita gente conhece as músicas de Torquato sem saber que são de sua autoria. Por isso foi tão importante trazê-las para a peça. A obra dele é muito solar, cheia de movimento e dinâmica. Ele instiga uma perspectiva de reconstrução, de refazer, rever, reler o que está posto. Acredito que isso tem muito a ver com o momento que estamos vivenciando no país”, enfatiza o ator.

A ideia de Tuca, agora, é de retomar a simplicidade do contador de histórias, do repentista, do cantador de feira que apenas com a voz e o corpo conduz a audiência para fora do tempo presente, transportando-a para outros universos. Durante as apresentações o público é convidado a participar, opinando, criticando, sendo livre para falar o que quiser. Dessa maneira o espetáculo se reconstrói em cada récita, marcando uma característica fundamental na obra torquatiana que é o de se reconstruir a cada momento. E os universos de Torquato são muitos.



Foto: Ronald Nascimento / Studio Beco

No palco, o ator está em companhia dos músicos Caio Cezar (que assina a direção musical) e Pierre Leite. A temporada carioca de *“Let’s Play That ou Vamos Brincar Daquilo”* terá início no dia 15 de agosto, quinta-feira, no Teatro III do CCBB Rio, com apresentações de quinta a sábado às 19h e domingo às 18h, até 15 de setembro. As sessões com intérprete de Libras acontecem nos dias 24 e 31 de agosto. O patrocínio é do Banco do Brasil.

Torquato Neto – um apaixonado pelo Brasil e pelas diversas formas de comunicação – foi poeta, jornalista, agitador cultural, compositor, cineasta, ator e um dos ideólogos da Tropicália, o movimento mais importante na cultura brasileira na segunda metade do século XX. Apesar de uma vida curta – decidiu sair de cena aos 28 anos – mudou radicalmente a maneira de se fazer poesia e jornalismo no país. Nunca publicou um único livro em vida, mas sua obra continua reverberando em muitos artistas brasileiros até hoje.

“O importante, para ele, era comunicar. Com esse trabalho, o que eu desejo é poder instigar as pessoas a pensarem com ele. Acho que é uma figura muito interessante e importante para refletirmos sobre nossa sociedade”, conclui Tuca.

SERVIÇO

“Let’s Play That ou Vamos Brincar Daquilo”, com Tuca Andrada
CCBB Rio – Teatro III

Rua Primeiro de Março, 66, Centro, Rio de Janeiro / RJ

Informações: 21 3808-2020 | ccbbrio@bb.com.br

Ingressos adquiridos na bilheteria do CCBB ou

antecipadamente pelo site bb.com.br/cultura

Classificação: 16 anos



Lucas Oradovschi

Foto: Sofia Paciullo

“UM PÁSSARO NÃO É UMA PEDRA”

Fruto do encontro de artistas de ascendência árabe e judaica, espetáculo revela histórias do Teatro de Pedra e do Teatro da Liberdade, experiências reais de teatro comunitário no campo de refugiados de Jenin, na Palestina. Com idealização e atuação de Lucas Oradovschi, será apresentado de 2 a 25 de agosto no Espaço Cultural Municipal Sergio Porto, Humaitá, Rio de Janeiro

Nos anos 1980, num campo de refugiados em Jenin, Palestina, Arna Mer – judia israelense – e Samira Zubeidi – árabe palestina – criaram o Teatro de Pedra, que atendia milhares de crianças e foi destruído pelo exército israelense. Vinte anos depois, nos anos 2000, os filhos dessas duas mulheres inauguraram o Teatro da Liberdade, ainda de pé e indicado ao prêmio Nobel da Paz 2024. Com idealização e atuação de Lucas

Oradovschi, o monólogo “*Um pássaro não é uma pedra*” conta essas histórias a partir da perspectiva de uma pedra, um pedaço de escombro de um teatro destruído. A direção foi feita coletivamente por Adriana Schneider, Cátia Costa e Mar Mordente. A dramaturgia é assinada por Adriana Schneider, Cátia Costa, Daniel Bueno, Lucas Oradovschi e Mar Mordente; o texto é de Daniel Bueno e Lucas Oradovschi.

“Ouvi essa história durante o meu mestrado e fui completamente atravessado por ela. Eu precisava contá-la para o mundo. Ela mostra as possibilidades de alianças em meio à guerra, alianças que vão além das diferenças étnicas, culturais, religiosas...”, conta Lucas Oradovschi, ator de ascendência judia, que busca tratar com poesia as questões políticas e sociais atuais e urgentes. *“Percebi que essa história não só dialoga com a realidade da guerra no oriente médio, mas também reflete nossa própria história brasileira e latino-americana, mergulhada em violências coloniais, históricas, atuais que persistem até hoje”*, completa.

A peça é o resultado do encontro de artistas de ascendência árabe e judaica que juntos investigaram os modos de criação coletiva e as relações entre arte e política. As histórias de vida de algumas instigantes figuras, que viveram as experiências de teatro comunitário e resistência cultural no campo de refugiados de Jenin, são o fio condutor do espetáculo. Uma pedra de um teatro destruído conta as histórias desses personagens reais, revelando as frestas e as alianças possíveis entre lados inimigos de uma guerra interminável.

“Fazemos uma investigação cênica que, ao abordar os conflitos entre Israel e Palestina, trata de questões sensíveis ao Brasil contemporâneo”, explica a codiretora Adriana Schneider. *“Investigar criativamente os modos como a colonialidade opera em outros territórios nos fornece um panorama mais amplo sobre as dinâmicas de conflito na própria cidade do Rio de Janeiro e sobre a relação da arte com as problemáticas do território”*, acrescenta.

SERVIÇO

Um pássaro não é uma pedra

Espaço Cultural Municipal Sérgio Porto

Rua do Humaitá, 163 – Entrada pela Rua Visconde de Silva

Tel.: (21) 2535-3846

Dias/Horários: sextas e sábados às 20h; domingos, às 19h

Ingressos: <https://riocultura.eleventickets.com>

e na bilheteria do espaço, de quarta a domingo das 15h às 21h



Lucas Oradovschi

Foto: Íra Barillo



HARRY POTTER APARATA NA OCA DO IBIRAPUERA, SÃO PAULO

Com tecnologia de última geração, exposição interativa proporciona jornada inesquecível pelo mundo mágico e fascinante do jovem bruxo que arrebatou fãs em todo o mundo – a série de sete livros da inglesa J.K. Rowling, traduzida para 73 idiomas, tornou-se a mais vendida da história: até o momento, contabiliza a marca de mais de 600 milhões de cópias

A inovadora exposição interativa celebrará sua estreia na América do Sul, dia 24 de agosto, no Parque do Ibirapuera. *Harry Potter: The Exhibition* explora bastidores, momentos icônicos, personagens, cenários, criaturas e animais fantásticos do universo encantado de Harry Potter. A mostra inclui também cenários, trajes, adereços e imagens da produção da Broadway *Harry Potter e a Criança Amaldiçoada*, que foi premiada com o Tony. Após a estreia mundial na Filadélfia, em fevereiro de 2022, a mostra foi exibida em várias cidades ao redor do mundo e recebeu mais de dois milhões de visitantes.

DAS PÁGINAS PARA AS TELAS

A galeria exibe uma primeira edição de *Harry Potter e a Pedra Filosofal* em um cofre inspirado em Gringotts. E é cercada por vídeos inspiradores e citações literárias, reconectando os convidados à história enquanto são introduzidos à exposição.

Castelo de Hogwarts

Experiência multimídia imersiva com elementos icônicos

como o Salgueiro Lutador, Dementadores e o Mapa do Maroto, onde os visitantes verão os seus nomes, incentivando-os a continuar a sua exploração pela exposição.

Salão Principal

Espaço onde o público pode celebrar momentos mágicos sazonais por meio de sua arquitetura icônica.

Casas de Hogwarts

Local base para a experiência da exposição. Em um salão comemorativo, encontra-se o famoso Chapéu Seletor (local perfeito para fotos) cercado por brasões de cada uma das casas desenhados em janelas de vitrais. Na galeria, cada visitante vivencia seu momento personalizado, a partir da casa selecionada durante seu pré-registro. Mas a experiência pode ocorrer paralelamente em todas as casas de Hogwarts, independentemente da escolha prévia.

Salas de Aula

Galerias repletas de adereços, criaturas e trajes originais. Tarefas e jogos mágicos, através de telas touch-

screen, garantem experiências inesquecíveis ao público, revelando segredos dos bastidores e momentos especiais das salas de aula – preparação de poções na Sala de Poções; previsão do futuro, em Adivinhação; plantação de mandrágora na Estufa de Herbologia; e varinha digital para derrotar um boggart em Defesa Contra as Artes das Trevas.

Cabana de Hagrid e a Floresta Proibida

Além de oferecerem uma experiência interativa do Feitiço Patrono, as galerias revelam criaturas icônicas que ficam escondidas na floresta, como centauros e Acromântula. Há ainda uma recriação da Cabana de Hagrid.

Uma coleção exclusiva de *Harry Potter: The Exhibition* estará disponível na loja da exposição para os visitantes.

SERVIÇO

Harry Potter: The Exhibition

Abertura: 22 de agosto

Visitação: até 24 de março 2025

Pavilhão Lucas Nogueira Garcez – Oca Ibirapuera

Av. Pedro Álvares Cabral, s/n - Portão 2, Moema, São Paulo / SP

Dias/Horários: terça a sexta: 10h - 19h (horário limite para acesso à exposição)

sábado, domingo e feriados: 9h - 19h (horário limite para acesso à exposição)

A experiência interativa é livre para todas as idades. Apenas algumas poucas salas da exposição podem ser um pouco assustadoras para crianças muito pequenas.

Classificação etária: 12 anos. Menores de 12 anos, somente poderão entrar acompanhados dos pais ou responsáveis.*

*Sujeito a alteração por Decisão Judicial.

Ingressos:

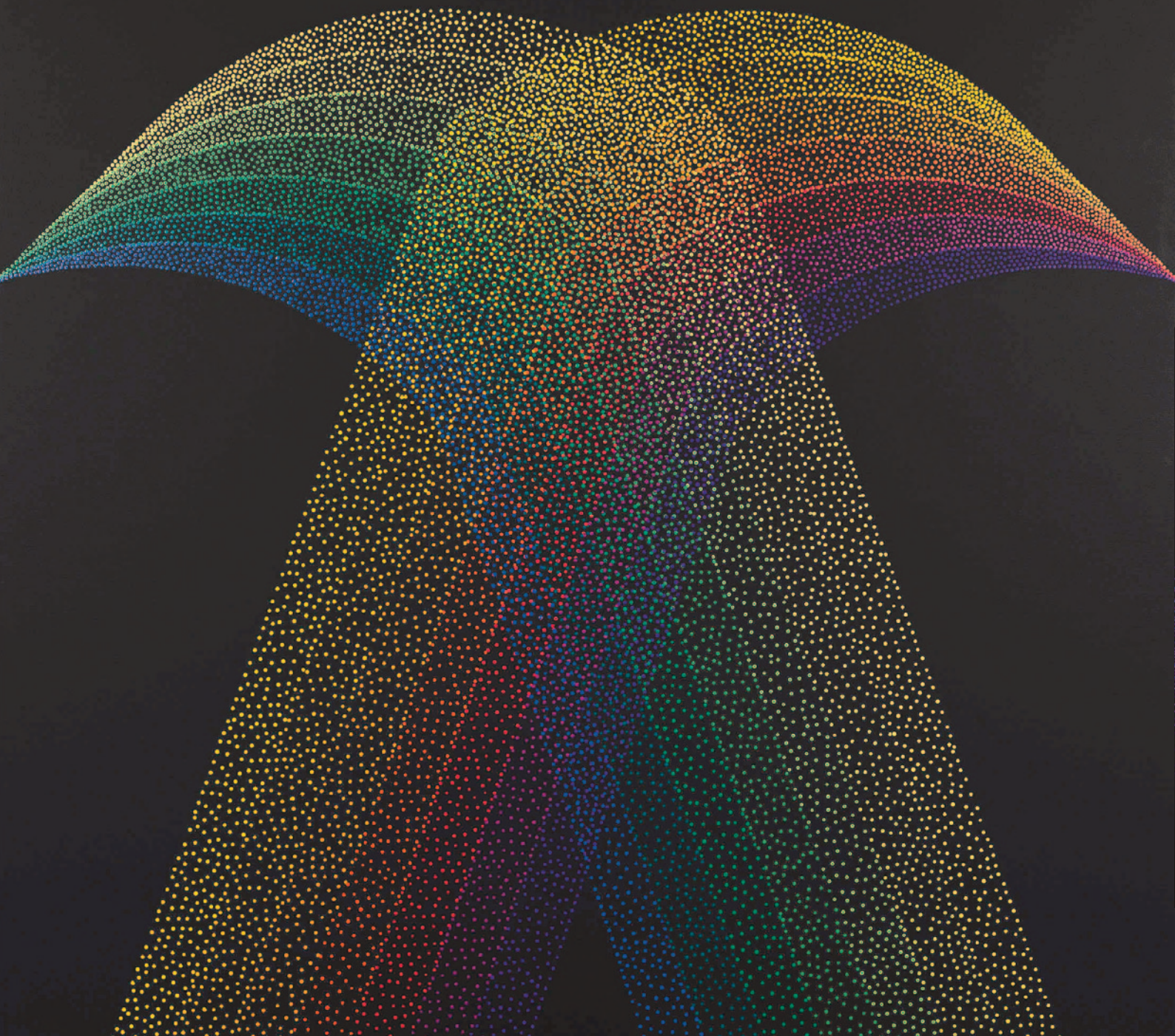
<https://www.eventim.com.br/campaign/harrypotterexhibition>

Mais informações em

https://harrypotterexhibition.com/pt/about/?utm_source=google&utm_medium=search&utm_campaign=23_gsr_HP_X_NowOpen



Foto: Site do evento / reprodução

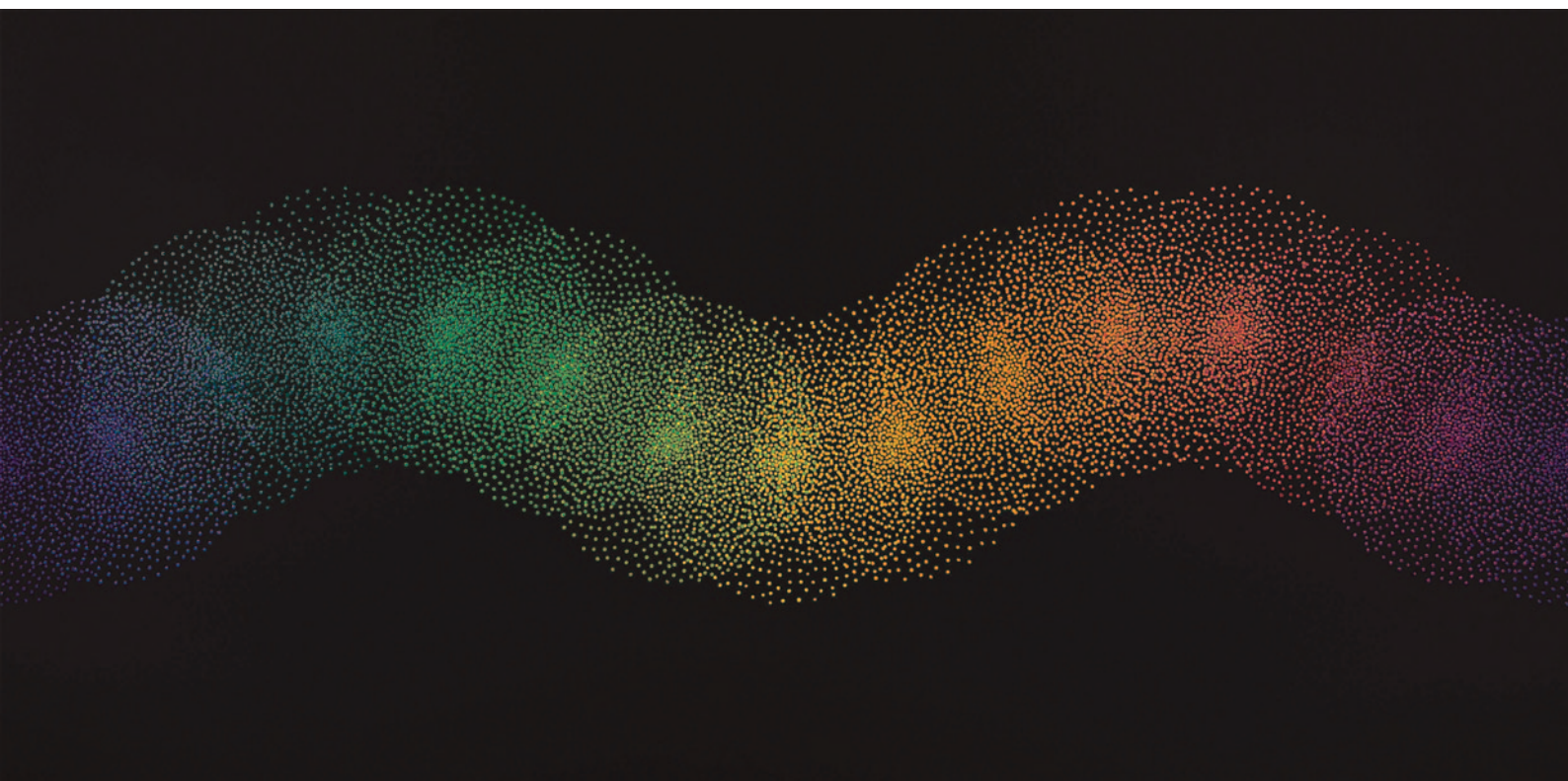


Alchimie 571, 2024

Foto: Emilie Mathe Nicolas

JULIO LE PARC: COULEURS

Nara Roesler São Paulo exhibe mostra de um dos mestres da arte cinética, o argentino radicado em Paris desde os anos 1950, e ativo aos 96 anos. A exposição, cujo nome foi escolhido pelo próprio artista, reúne 50 obras recentes e inéditas – pinturas, desenhos, um móbile em grandes dimensões e duas estruturas luminosas nas quais a luz interage diretamente com as placas cromáticas, provocando um efeito luminoso vertical e ascendente



Alchimie 586, 2024

Foto: Emilie Mathe Nicolas

Entre as obras que ocuparão os dois andares da galeria, a partir do dia 8, há um conjunto de treze pinturas da série “Alquimias”, criadas este ano, onde Le Parc se debruça sobre o estudo da cor, suas diferentes paletas e os resultados obtidos a partir da interação entre elas. Desde 1959 a paleta do artista é constituída de catorze

tonalidades, de tons mais quentes, como o vermelho e o laranja, até os mais frios, como o azul e o roxo.

Em “Alquimias”, no entanto, as cores são reduzidas a pequenos fragmentos, como se fossem partículas, que se agrupam e se organizam de diferentes maneiras. De



Ondes 174, 2024

Foto: Emilie Mathe Nicolas

longe parecem nuvens cromáticas que vibram conforme as tonalidades se friccionam entre si; de perto ficam visíveis as partículas de cor presentes nas composições.

“Ondes 174” (2024), *“Gamme 14 couleurs Variation 8”* (1972/2024), *“Gamme 14 couleurs Variation 7”* (1972/2024) e *“Thème 72-7”* (1973/2023) constituem outra série pictórica da exposição, onde Le Parc coloca lado a lado faixas de cor que vão dos tons mais quentes aos mais frios, e que através de esquemas sinuosos as cores se intercalam, criando uma superfície dinâmica. Todas são em tinta acrílica sobre tela.

Obras tridimensionais do artista, uma de suas marcas de beleza e de experimentos cinéticos, completam a mostra: *“Mobile Color”* (2024), com placas de acrílico colorido suspensas por fio de nylon, totalizando quase quatro metros de altura por 3,5m de largura, propõe a

mesma transição cromática nas séries de pinturas expostas; e as duas estruturas luminosas – *“Continuel lumière”* (1960/2023) e *“Continuel lumière – verte”* (1960/2023), ambas em madeira, acrílico, luz e folha colorida, que contêm placas de acrílico coloridas com padrões geométricos. Quando acesas, provocam um efeito luminoso vertical e ascendente, a partir da interação da luz com as placas cromáticas.

DESENHOS – ESTUDOS DE COR

Um conjunto de 27 desenhos feitos em técnica mista sobre papel – *“Proyectos para alquimia”* – revela ao público o processo criativo e experimental de Le Parc nos estudos de cor realizados para suas pinturas da série homônima.

O principal interesse poético de Julio Le Parc é o estudo do movimento, que ao longo de sua trajetória foi ex-

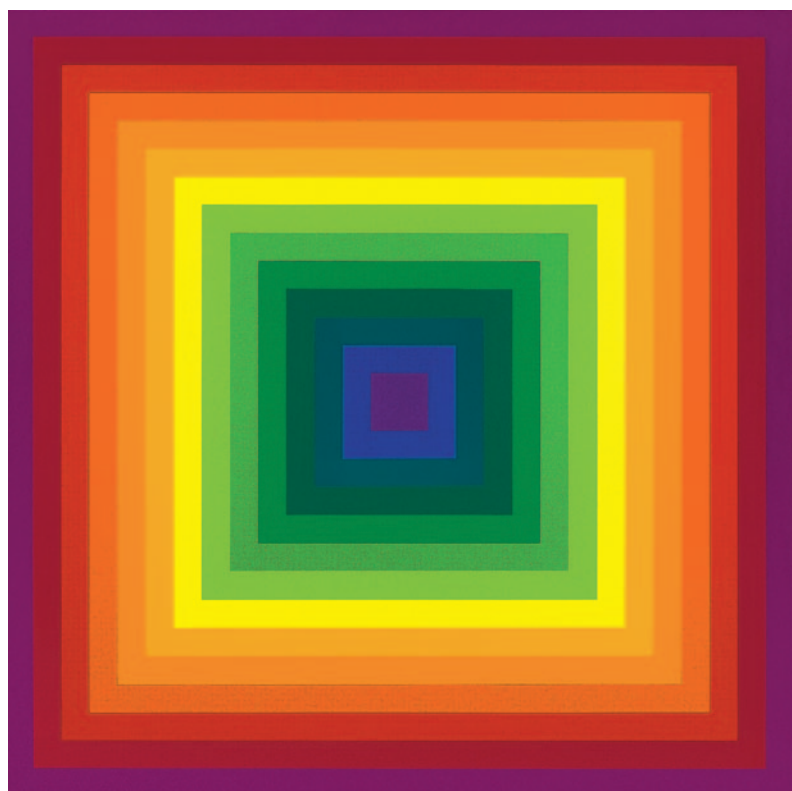
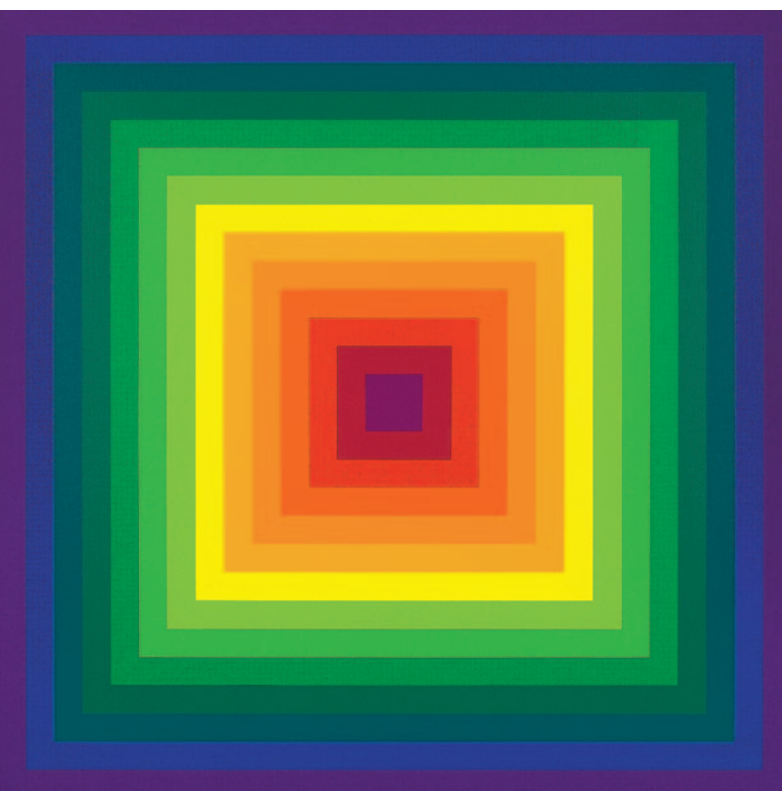
plorado das mais diversas maneiras: por meio de pinturas, experimentações com espelhos e outras superfícies reflexivas, instalações, motores e mesmo instalações mais ousadas, como o conjunto que realizou na Bienal de Veneza de 1966 que, para incluir o espectador, transformou a instalação em um parque de diversões. Na ocasião, Le Parc ganhou o Grande Prêmio Internacional de Pintura como artista individual.

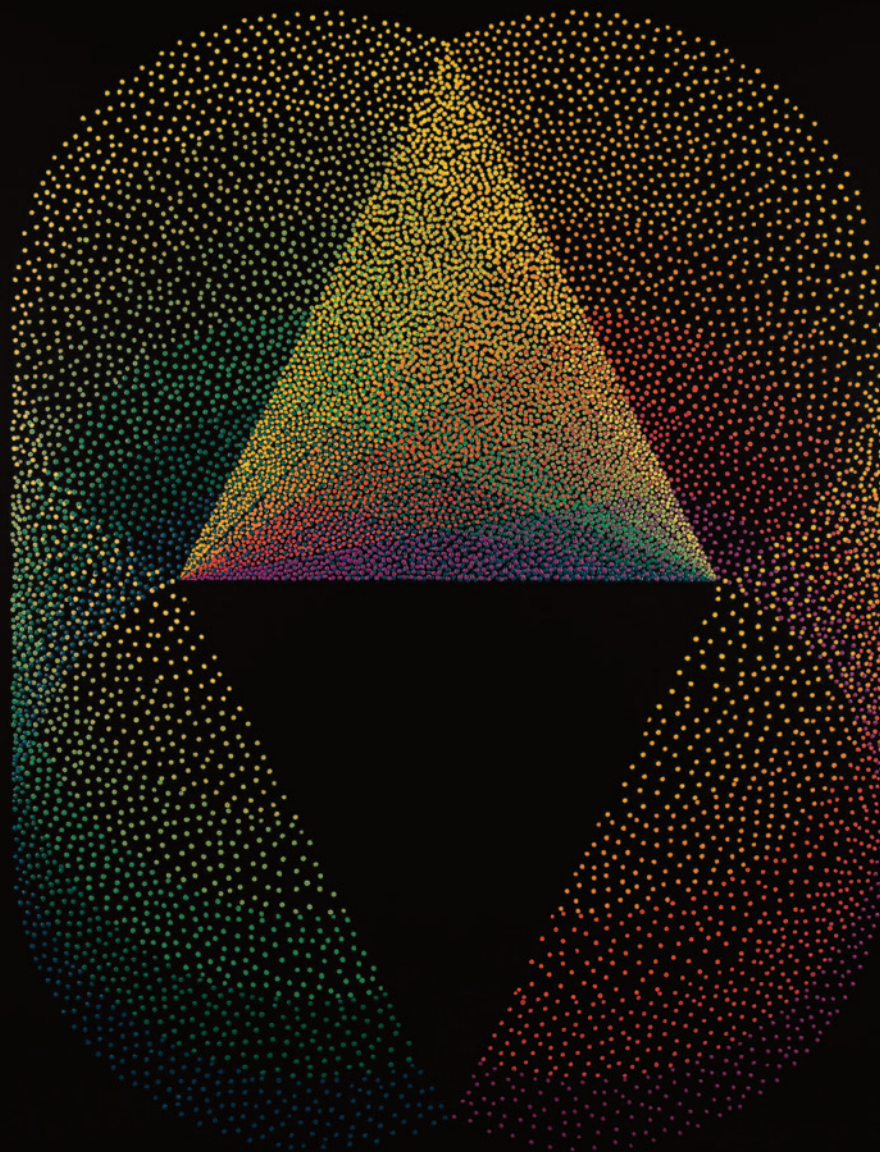
SOBRE JULIO LE PARC

Julio Le Parc (1928, Mendoza, Argentina) é reconhecido internacionalmente como um dos principais

nomes da arte óptica e cinética. Ao longo de seis décadas, realizou experiências inovadoras com luz, movimento e cor, buscando promover novas relações entre arte e sociedade a partir de uma perspectiva utópica. Suas telas, esculturas e instalações abordam questões relativas aos limites da pintura com procedimentos que se aproximam da tradição pictórica na história da arte, como o uso de acrílico sobre tela, ao mesmo tempo em que investigam potencialidades cinéticas em assemblages, instalações e aparelhos maquínicos que exploram o movimento real e a atuação da luz no espaço.

Da esquerda para a direita: *Gamme 14 couleurs Variation 7*, 1972/2024; *Gamme 14 couleurs Variation 8*, 1972/2024
Fotos: Emilie Mathe Nicolas





Alchimie 566 2024

Foto: Emilie Mathe Nicolas

Pioneiro do gênero óptico e cinético, Julio Le Parc foi cofundador do *Groupe de Recherche d'Art Visuel* (1960-68), um coletivo de artistas que se propunha a incentivar a interação do público com a obra, a fim de aprimorar suas capacidades de percepção e ação. De acordo com essas premissas, somadas à aspiração bastante disseminada na época de uma arte

desmaterializada, indiferente às demandas do mercado, o grupo se apresentava em locais alternativos e até na rua. As obras e instalações de Julio Le Parc, feitas com nada além da interação entre luz e sombra, são resultado direto desse contexto, no qual a produção de uma arte fugaz e não vendável assumia claro tom sociopolítico.

Julio Le Parc vive e trabalha em Paris, França. Exposições individuais recentes incluem: *Julio Le Parc: Un-Visionario*, no Centro Cultural Néstor Kirchner (2019), em Buenos Aires, Argentina; *Julio Le Parc 1959*, no The Metropolitan Museum of Art (The Met Breuer) (2018), em Nova York, EUA; *Julio Le Parc: da forma à ação*, no Instituto Tomie Ohtake (ITO) (2017), em São Paulo, Brasil; *Julio Le Parc: Form into Action*, no Perez Art Museum (2016), em Miami, EUA.

Seus trabalhos fazem parte de importantes coleções, entre as quais *Daros Collection*, Zurique, Suíça; *Los Angeles County Museum of Art*, Los Angeles, Estados

Unidos; *Musée d'Art Moderne de La Ville de Paris*, França, e *The Museum of Modern Art (MoMA)*, Nova York, Estados Unidos.

SERVIÇO

"Julio Le Parc – Ondas e cores"

Abertura: 8 de agosto, às 18h

Até: 12 de outubro

Nara Roesler, São Paulo

Avenida Europa, 655, Jardim Europa, São Paulo / SP

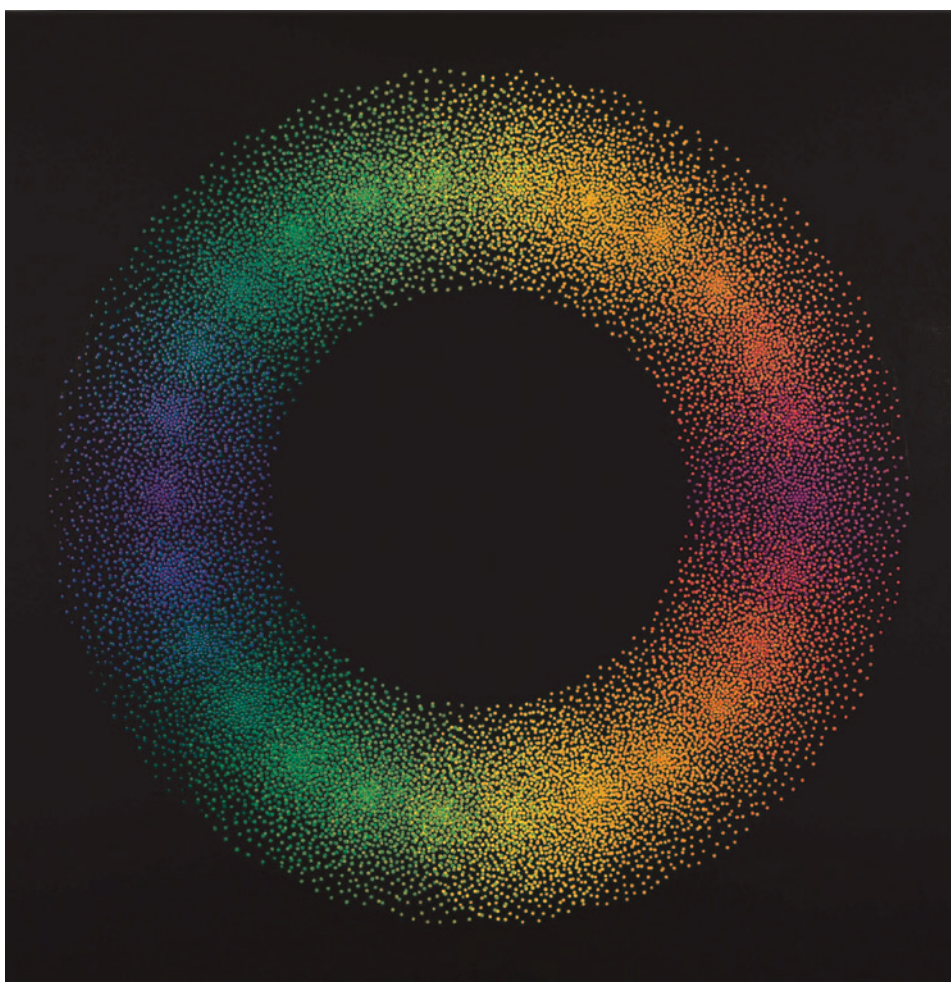
Dias/Horários: segunda a sexta, das 10h às 19h;

sábado, das 11h às 15h

Tel.: 55 (11) 2039 5454 | info@nararoesler.art

<https://nararoesler.art/>

Entrada gratuita



Alchimie 578 2024

Foto: Emilie Mathe Nicolas



13ª edição Filmambiente acontece entre 22 e 30 de agosto no Rio de Janeiro e em Niterói

58 FILMES

SEIS ESTREIAS MUNDIAIS

SETE ESTREIAS NACIONAIS

CINCO ESTREIAS AMERICANAS

SETE ESTREIAS LATINO-AMERICANAS

TRÊS ESTREIAS SUL-AMERICANAS

PRIMEIRA COMPETIÇÃO DE LONGA BRASILEIRO

DOIS PAINÉIS TEMÁTICOS

PRESENÇA DE DIRETORES E PRODUTORES EM ALGUMAS SESSÕES

A 13ª edição do Filmambiente marca a realização da primeira competição de Longa Brasileiro, modalidade que reúne seis títulos, e a inclusão de Niterói como uma das sedes anuais do evento. Cinco filmes competem na categoria *Longa Internacional*; 19 na competição de *Curtas*. A mostra *Pela Natureza* apresentará 11 filmes; seis outros estarão na mostra *Racismo Ambiental* e cinco na mostra *Panorama*. Três Longas de *Ficção* serão exibidos no encerramento. Além dos 55 filmes competitivos, outros três títulos serão apresentados exclusivamente no programa para escolas, no Rio e em Niterói.

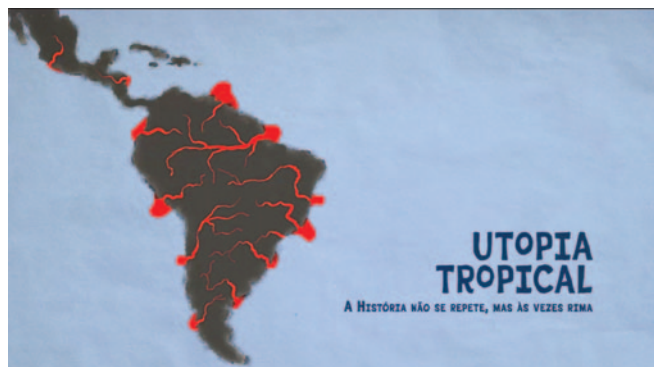
Os filmes em competição concorrem ao *Melhor Filme*, *Diretor*, *Fotografia* e *Montagem* em cada categoria. E ainda ao melhor filme, por escolha do público. Ao longo do festival, 13 realizadores – internacionais e brasileiros – estarão presentes nas exhibições para apresentar e conversar sobre seus filmes com a plateia.

Essa edição terá também dois painéis temáticos no CCJF no Rio de Janeiro: *Justiça Climática* no Rio de Janeiro e *O Papel do Audio Visual no Ativismo Ambiental*. Marcio Isensee e Sá – fotógrafo, videomaker, comunicador e atual diretor de conteúdo do site *O Eco*,

de jornalismo ambiental – assina a curadoria dos painéis temáticos.

DESTAQUES

A Competição de **Documentário de Longa-Metragem Brasileiro** reúne seis filmes. Eles lançam olhares variados e complementares sobre a Amazônia, o garimpo ilegal e o indigenismo brasileiro, entre outros temas relevantes e atuais. Fatos políticos e econômicos que moldaram a América Latina e o Brasil, por exemplo, destacam-se em *Utopia Tropical*, de João Amorim, que estará presente na exibição em Niterói. Vale ressaltar ainda o documentário *Não haverá mais história sem Nós*, de Priscilla Brasil, que também prestigiará as sessões, sobre o péssimo e imperdoável ato de *green washing*.



De cima para baixo: Frames de *Utopia Tropical* e *Não haverá mais história sem Nós*

A seleção dos cinco filmes para a Competição de **Documentário de Longa-metragem Internacional** reflete algumas das questões que o mundo pós-pandemia trouxe à tona. Em uma das estreias latino-americanas, *A Batalha por Laikipia*, de Daphne Matziaraki e Peter Murimi, as contradições de um mundo pós-colonial, em que descendentes de colonizadores e povos originários disputam a mesma forma de sobrevivência; em *Reinventando a Moda*, de Becky Hutner, a design Amy Powner, filha de ativistas, quer superar a contradição de trabalhar numa das indústrias mais poluentes do planeta, criando uma moda 100% sustentável; no havaiano/americano *Resistindo acima das Nuvens*, de Jalena Keane-Lee, a voz é de mulheres nativas havaianas, que se unem para resistir e salvaguardar suas tradições. Diretora e personagens virão ao Brasil para conversar com a plateia sobre suas experiências.



Frame de *Reinventando a Moda*

A competição de **Curtas** reúne 19 filmes de 14 países, inclusive Brasil. Fazem parte da seleção, entre outros, as premiadíssimas animações *Mercadores de Gelo*, do português João Gonzales; o canadense *Sentindo o Apocalipse*, de Chen Sing Yap; *Borboleta*, da croata Sunčana Brkulj; o francês *O 8º Dia*, de Agathe Sénéchal,

Alicia Massez, Elise Debruyne, Flavie Carin e Théo Duhautois; o iraniano *O Pulverizador*, de Farnoosh Abedi e o Sul-africano, *Sede*, de Arnaud van Vliet. Dentre os curtas brasileiros, alguns contarão com a presença de seus realizadores nas sessões: Clara Linhart e Rodrigo Garcia de *No Mar*; Gabriel Panazio de *Águas Turvas*; *A História dos Pescadores da Z10*; e Carol Magalhães de *O Fundo do Ar é Cinza*.



Frame de *O Fundo do Ar é Cinza*

Três Filmes de **Ficção** encerram o festival: *Great Yarmouth, figuras provisionais*, de Marco Martins, com Beatriz Batarda e Nuno Lopes; a premiada animação de longa-metragem *Interdito a Cães e Italianos*, de Alain Ughetto, ambos sobre os sonhos e a dura realidade dos imigrantes; e o argentino *O Impenetrável*, de Sonia Elena Bertotti, que através de um thriller sombrio chama atenção para a realidade do desmonte social (de comunidades nativas) e ambientais no Chaco argentino, um dos últimos refúgios naturais do país.

MOSTRAS TEMÁTICAS

Racismo Ambiental – A competição reúne cinco títulos, entre os quais o francês *A Terra das Virtudes*, de Vincent Lapize, que faz sua estreia mundial no festival;

A Poderosa Afrin, do grego Angelos Rallis, sobre a força de uma menina de apenas 12 anos que não se rende às marés mortais de Bangladesh; e o também francês *Vítimas Nucleares Esquecidas*, de Suliane Favenne, que revela a luta de duas jovens ativistas que enfrentam as consequências dos testes nucleares da França, Estado Unidos e Inglaterra em ilhas do Pacífico.

Pela Natureza – Entre longas, médias e curtas, 11 filmes. Destaque para os brasileiros *Última Reserva*, de Patrick Granja, e *Corredores – da Pedra Azul ao Forno Grande*, de Klaus Berg, que estarão presentes nas exposições; e o eslovaco *Grand Canyon*, de Pavol Barabáš, uma aventura de amigos que descem as turbulentas águas do rio Colorado.



Frame de *Última Reserva*

Panorama – A mostra exibe cinco filmes em que o ativismo está em destaque, seja pela ocupação e contra a gentrificação, como no brasileiro *Anhangabaú*, de Lufe Bollini; contra a privatização da água no mundo, como em *Água é Vida*, de Will Parrinello, que acompanhará as exposições de seu filme; ou no francês *Bigger than Us*, de Flore Vasseur, que relata os caminhos percorridos por uma jovem ativista – que viaja pelo mundo,

inclusive ao Brasil, para conhecer outros ativistas e seus feitos em prol de um mundo mais sustentável e justo.



De cima para baixo: Frames de *Anhangabaú e Água é Vida*

SERVIÇO

13º FILMAMBIENTE

Realização: Amado Arte & Produção e Ágora Produções

Trailers e informações sobre os filmes e jurados:

<https://docs.google.com/document/d/1zCPuM-cMpd06VxialJFALrVqVN8akkL2CI3KncrGBRpU/edit?usp=sharing>

Onde e quando

De 22 a 28 de agosto – duas sessões/dia em cada espaço

Rio de Janeiro

- Cinesystem Botafogo (ex-Espaço Itaú)
Praia de Botafogo, 316
- CCJF – Centro Cultural Justiça Federal
Avenida Rio Branco, 241, Centro

Niterói

- Cine Arte UFF
Rua Miguel Frias, 9, Icaraí (duas sessões/dia)
Duas tardes com sessões especiais para alunos da rede pública

Dias 29 e 30 de agosto

Sessões especiais para escolas na Arena Cultural Dicró, na Vila da Penha, na Areninha Cultura Herbert Vianna, na Maré, Rio de Janeiro.

Apoio: RioFilme | Consulados da França, da Suíça e da Itália | Secretarias Municipais de Educação do Rio de Janeiro e Niterói.

Parcerias de Exibição: Cinesystem, Centro Cultural Justiça Federal e Cine Arte UFF/Centro de Artes da UFF

Parcerias: Areninha Cultural Herbert Vianna, na Maré e Arena Carioca Dicró, na Vila da Penha; Livraria Blooks



Obra e olhar curatorial de CRISTINA CANALE
em mostras paralelas na Casa Roberto Marinho

DAR FORMA AO MUNDO
+
PAISAGEM E MEMÓRIA

Cristina Canale, *Rio 40 graus*, 1987

Foto: Sergio Guerini



Sob curadoria de Pollyana Quintella, mostra retrospectiva traça a trajetória artística da pintora carioca, com publicação lançada na inauguração.

Exposição curada por Canale dialoga com grandes nomes da Coleção Roberto Marinho

A Casa Roberto Marinho inaugura dia 15 duas exposições simultâneas em torno da artista plástica carioca Cristina Canale. A apresentação em dois atos comemora as quatro décadas de carreira da pintora com a retrospectiva *Dar forma ao mundo*, e explora o seu olhar curatorial sobre a Coleção Roberto Marinho, em *Paisagem e memória*.

"Nessa temporada, apresentamos a Cristina Canale curadora no térreo e, no primeiro andar, exibimos a sua obra. Ao percorrer o espaço expositivo veremos o quão fluidas, no seu caso, podem ser essas fronteiras nas paisagens do mundo criado por ela", destaca o diretor do instituto, Lauro Cavalcanti.

"O conjunto destas duas exposições mostra meu olhar dentro de um acervo brasileiro, que é a minha origem, e, paralelamente, o meu percurso de 40 anos como artista plástica. São dois conjuntos de sensibilidades, com comunicações e pontes entre eles. Foi uma experiência muito rica ver esse diálogo", avalia Canale.

Radicada há mais de 30 anos na Alemanha, ela mantém forte relação com o Brasil. Sua relevância no circuito de arte nacional se reflete na celebração dessas quatro décadas de produção artística, que tem como marco inicial a exposição *Como vai você, Geração 80?*, realizada em 1984, no Parque Lage.

CRISTINA CANALE: DAR FORMA AO MUNDO



Em *Dar forma ao mundo*, a curadoria de Pollyana Quintella se propõe a traduzir as diferentes fases da trajetória da artista, através de cerca de 50 obras. *"A Cristina é uma referência quando pensamos na reemergência da pintura no Brasil, sobretudo a partir dos anos 1980. Embora tenha despontado na cena artística como parte da celebrada Geração 80, ela derivou rapidamente para produzir uma obra que deve ser lida sob o seu próprio nome. Afirmar sua singularidade foi um desejo dessa exposição retrospectiva".*

Fruto Proibido, 1999
Foto: Romulo Fialdini



Esquinas, 2016

Foto: Uwe Walter

Ao longo dessas quatro décadas, Canale usou as telas, tintas e pincéis para resolver questões subjetivas através de sua prática. Como resume Quintella em seu texto de apresentação, a artista vem transitando *"da pintura matérica à linha, da linha à forma, da forma ao mundo"*.

Orientado por essas fases de trabalho, o recorte curatorial é fisicamente conduzido pela arquitetura da Casa Roberto Marinho, cujo hall do primeiro andar marca o início e o fim da exposição. São sete salas que se interligam de forma circular e segmentam em capítulos os diferentes períodos da pintura de Canale.

Apesar de traçar uma linha do tempo, a mostra leva o público a desviar o olhar através de pequenas fendas, onde se inserem trabalhos de períodos diferentes. *"Na obra da Cristina, o tempo é mais circular do que linear e, por isso, há alguns furos na cronologia"*, explica Quintella. Ao interromper o tempo, a curadora sugere um diálogo entre diferentes períodos da produção, revelando como a artista conversa com seu próprio trabalho ao longo dos anos.

Na primeira sala estão reunidas obras da década de 1980, muito marcadas pela matéria pictórica e pela



Sacolinha, 2017

Foto: Jaime Acioli

densidade. Telas de grandes dimensões, como *Rio 40 graus* (1987) e *Cachoeira* (1989), evidenciam não só o arcabouço iconográfico de Canale, composto por imagens da vida cotidiana e da experiência de viver no Rio de Janeiro, mas também uma singularidade cromática.

Na sala seguinte, as obras revelam um ponto de virada marcado pela descoberta das linhas e do contorno das formas, através da diluição da matéria: *"Eu sentia que aquela textura toda estava sendo compulsiva e que, no fundo, escondia alguma coisa"*, reflete a artista. Os motivos orgânicos, que se anunciam, persistem na sua obra mesmo com a mudança para Berlim em 1993. O seu deslocamento se reflete na transição para o papel, em pequenos desenhos e aquarelas sintéticas, também expostas.

As pinturas do final dos anos 1990, que testemunham o seu interesse crescente pela forma biomórfica e a necessidade de abstração, ocupam a terceira sala. Formas ovóides conectam as telas, em que se repara a insistên-

cia do motivo orgânico, com formas cada vez mais amplas, e o realce das cores. *Fruto Proibido* (1999) e *Poltrona anos 60* (1999) são alguns dos destaques.

A primeira década dos anos 2000 é marcada por elementos arquitetônicos, com linhas demarcadas e formas mais geométricas, que aparecem em representações de piscinas, muros, cercas e casas. Na quarta sala, estão obras que refletem a primeira metade dos 2000, como é o caso de *Esquinas* (2016) e *Sacolinha* (2017). Nesse período, a artista experimenta estampas e formas padronizadas, e passa a integrar figuras humanas e animais. Se por um lado os traços faciais são irrelevantes, por outro, a mítica feminina ganha ênfase, como se vê em *Ella* (2018), *Passante* (2011) e *Vizinhas* (2011), expostas na quinta sala.

A partir de meados dos anos 2010, uma profusão de faces passa a permear a obra de Canale. Apesar da referência direta ao modo pelo qual o gênero do retrato se convencionou na história da arte, mantém-se a indiferença pela figura retratada. Exibidas na sexta sala, composições como *Paixão* (2023) e *Bossa nova* (2024) ostentam geometrismos, padronagens e fragmentos de tecidos colados sobre a superfície, mas dispensam a identidade das personagens. Por outro lado, *Musa (a partir de Di Cavalcanti)* (2021-22) é mais facilmente reconhecível por ter sido inspirada na Ivette Rocha Bahia pintada pelo modernista, em 1963.

Dar forma ao mundo tem a sua última sala dedicada a trabalhos mais recentes da pintora, como as aquarelas *Correnteza*, *Cactus* e *Lágrimas* (2024).



Ella, 2018

Foto: AlexanderJanetzko

Paixão, 2023

Foto: AlexanderJanetzko



PAISAGEM E MEMÓRIA, UM OLHAR SOBRE A COLEÇÃO ROBERTO MARINHO



Candido Portinari, *Espantelho*, 1940

Foto: Pedro Oswaldo Cruz

No térreo, *Paisagem e memória*, apresenta a faceta curadora de Cristina Canale. "Convidar artistas para curar exposições é, por um lado, um modo de multiplicar os olhares sobre a Coleção Roberto Marinho e, por outro, de estabelecer uma ponte entre dife-

rentes períodos da arte. Ao trazer artistas de períodos anteriores para o presente, cria-se uma perspectiva de diálogo com a contemporaneidade que enriquece a fruição do acervo da Casa", afirma Lauro Cavalcanti.



Jorge Guinle, *O riacho*, 1986

Foto: Cristiana Isidoro

Para Canale, o interessante de fazer as duas mostras em paralelo foi estar em contato com tantas referências iconográficas de uma só vez: *"Uma das coisas que mais me interessam e me inspiram é o trabalho dos outros. E não importa se foi feito há quatro ou quatro mil anos, porque assimilo tudo da mesma forma"*.

Assim, ela traça um caminho subjetivo aproveitando-se da liberdade do seu olhar artístico, sem a pretensão de se distanciar das imagens que formam o seu repertório imagético e das ligações com seu próprio processo criativo. Ocupando quatro salas, a seleção de cerca de 40 obras compõe o que Canale chama de *"inconsciente estético"*, transformando o espaço em uma colagem de memórias e afetos.

Elementos estéticos e temáticos criam um fio condutor que dá o tom da conversa entre os diferentes artistas. Na primeira sala, o volume é o ponto em comum entre as montanhas retratadas em *Espantinho* (1940), de Portinari, e *Noite de São João* (1961), de Guignard; e os volumosos seios de *Ivette* (2020/21), múltiplo produzido por Canale a partir da pintura *Ivette Rocha Bahia* (1963), de Di Cavalcanti.



Alberto da Veiga Guignard, *Sem título*, 1940

Foto: Cristiana Isidoro

A segunda sala realça texturas através da série de desenhos (*Sem título*, 1940) em que Guignard representa a vegetação do Jardim Botânico; da grandiosa tela *O riacho* (1986), de Jorge Guinle; e da autoral *Está tudo cinza sem você* (1986). A sala seguinte é regida pelos contrastes. *Sob o olhar de Canale, as Ripas* (1991), de Ione Saldanha, evocam os pixels que formam a imagem de *Flora e Fauna Brasileira* (c. 1934), de Portinari. A geometria das pinturas de Alfredo Volpi (*Sem título*, déc. 1970) e Maria Helena Vieira da Silva (*Composition [Composição]*, 1955), por sua vez, revelam *"um mundo já estruturado, mas tropical"*.

Na última sala, Canale propõe um diálogo com os jardins da Casa. Para isso, abre as janelas para as plantas e flores pintadas por Burle Marx (*Sem título*, 1941) e Guignard (*Sem título*, 1936-1937). Completam a seleção uma serigrafia ornamental de Luiz Aquila (*Em casa*, 2017) e uma escultura de Frans Krajcberg (*Sem título*, 1971).

No dia das aberturas, às 17h30, serão realizadas visitas guiadas com a artista e a curadora Pollyana Quintella, para o público visitante de ambas as exposições.

SOBRE CRISTINA CANALE

Carioca, nascida em 1961, Cristina Canale ingressa na

Escola de Artes Visuais do Parque Lage, no início dos anos de 1980; em 1984, a participação na mostra “*Como vai você, Geração 80?*” marca o início de sua trajetória profissional. Seus primeiros trabalhos são colagens sobre papel com figuras femininas. Em 1993 muda-se para a Alemanha. Estuda em Düsseldorf e se instala em Berlim, onde vive até hoje. Sua obra passa por uma mudança radical. A densidade das telas anteriores cede lugar a espaços fluidos. As formas passam a estruturar a superfície, juntamente com a cor.

Nos anos 2000, conduz seu trabalho como uma investigação permanente e assim problematiza dicotomias inerentes à história da pintura, como a abstração e a figuração, diluindo seus limites. Ao retomar a figura

feminina, em tempos mais recentes, interroga o conceito do retrato, ao mesmo tempo que introduz novos materiais e formas de trabalhar as superfícies.

SERVIÇO

Cristina Canale: *dar forma ao mundo (1º andar)*
Paisagem e memória, um olhar sobre a coleção
Roberto Marinho (térreo)

Aberturas: 15 de agosto, às 19h

Visitas guiadas: 15 de agosto, às 17h30

Encerramentos: 17 de novembro

Instituto Casa Roberto Marinho

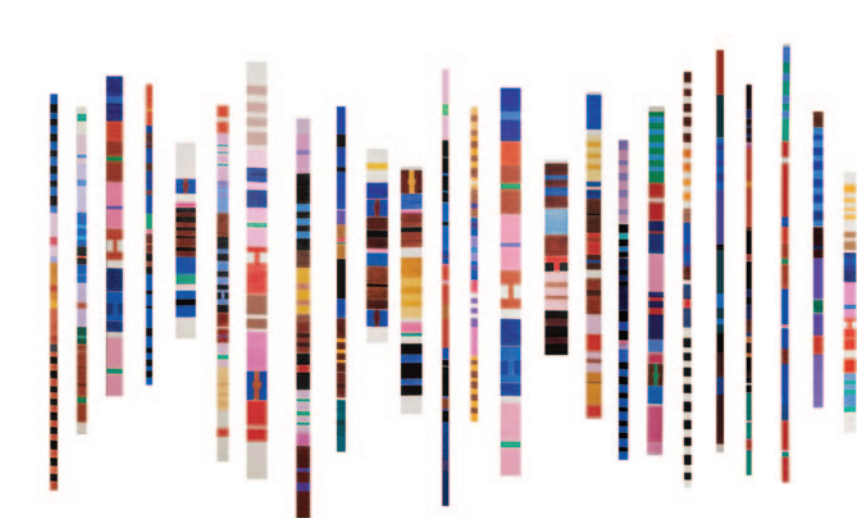
Rua Cosme Velho, nº 1105, Rio de Janeiro / RJ

Tel.: (21) 3298-9449

Dias/Horários: terça a domingo, das 12h às 18h

Ingressos à venda exclusivamente na bilheteria

Às quartas-feiras, a entrada é franca para todos os públicos



Ione Saldanha, *Ripas*, 1991

Foto: Cadu Pilotto

Luiz Aquila, *Em casa*, 2017

Foto: Jaime Acioli

NOTÍCIAS DO BRASIL

Exposição no Centro Cultural PGE-RJ, antigo Convento do Carmo, retrata a história do país e ganha um olhar contemporâneo e decolonial. A mostra, que em apresentações anteriores já exibiu gravuras de Carybé, Cícero Dias e Glauco Rodrigues, conta agora também com obras inéditas de PV Dias, Sabrina Savani e Silvana Mendes



Silvana Mendes, *Série Frestas II*, 2024

Foto: Divulgação

Idealizada pelo Sesc RJ, a exposição *Notícias do Brasil* estreia repaginada, desta vez no Centro Cultural PGE-RJ, antigo Convento do Carmo, no centro do Rio de Janeiro. Com mais de 70 obras, a mostra traz agora um olhar contemporâneo com a adição de obras inéditas de PV Dias, Sabrina Savani e Silvana Mendes. A realização dá continuidade à parceria de cooperação mútua estabelecida entre o Sesc RJ e a PGE-RJ para o desenvolvimento de atividades culturais e educacionais

acessíveis ao público de forma gratuita. A mostra, com curadoria de Marcelo Campos e Pollyana Quintella, foi exibida anteriormente, em 2022, no Sesc Flamengo.

“Notícias do Brasil apresenta o Brasil popular, composto por personagens anônimos em suas atividades cotidianas e manifestações culturais e religiosas múltiplas. Retrata o dia a dia de seus habitantes, cenas corriqueiras das ruas, festejos religiosos e celebrações informais,



PV Dias, da esquerda para a direita: *Trabalhando em seu gabinete* e *Interior de uma casa*

Fotos: Provas do Artista

contribuindo para uma construção imagética do país que reflita as suas origens e pluralidade étnica”, diz Cecília Fortes, curadora do Centro Cultural PGE. Ela destaca ainda que “a exposição está alinhada com a proposta da Procuradoria Geral do Estado do Rio de Janeiro de ir além de suas atividades jurídicas por oferecer à população fluminense, através de seu Centro Cultural, um espaço de difusão da cultura, como ferramenta de cultivo à educação e de estímulo ao pensamento crítico”.

No conjunto das obras, o curador Marcelo Campos destaca que é possível perceber um Brasil de forte tradição popular, nas festas, nas relações interétnicas, nas vendedoras de tabuleiro, nas janelas e sacadas dos sobrados coloniais. *“O principal ganho da exposição nesta repaginação é o encontro de grandes artistas que falam de suas cidades, a partir do que o povo fala no cotidiano”, explica.*

“Notícias do Brasil”, segundo os curadores, propõe uma reflexão sobre a visão que acompanhou o modernismo brasileiro da Semana de Arte Moderna de 1922. As obras dos artistas do Acervo Sesc RJ revelam um Brasil enraizado na tradição popular, capturando a essência das tradições; em paralelo, os trabalhos de PV Dias, Sabrina Savani e Silvana Mendes, vindos de diferentes regiões do Brasil, redefinem a narrativa nacional, contribuindo para uma transformação decolonial, que questiona as desigualdades e estigmas enraizados na sociedade brasileira. Suas artes refletem um Brasil plural e vibrante.

SOBRE OS ARTISTAS

PV Dias (Belém do Pará, 1994) vive no Rio de Janeiro. Formado em Comunicação Social com mestrado em Ciências Sociais, se interessa por imagens históricas, como as do francês Jean Baptiste Debret, que apontam para uma compreensão crítica dos processos de de-

sigualdade social, sobretudo os que envolvem os povos africanos escravizados e os povos originários, marcados pelos processos de escravização e genocídio. PV observa as ruas, encruzilhadas, esquinas da cidade do Rio de Janeiro, em fotografias atuais, e sobrepõe desenhos em pigmento mineral recortando personagens de um Brasil colonial. A inserção de elementos exógenos às cenas de fundo propõe uma reflexão sobre a permanência dos processos colonialistas nos dias atuais. Os trabalhadores, antes escravizados, ainda aguardam a equidade social. Contudo, as personagens se alternam, ora lendo livros, ora descansando, o que indicia outros sinais do tempo.

Sabrina Savani (Campinas, 1998) – A artista cursa artes visuais e participa, como cofundadora, do coletivo *Tinteiro*, reunindo estudantes negras e negros da UNICAMP. A colagem digital, sintoma contemporâneo das artes em perspectivas decoloniais, é utilizada pela artista que reorganiza cenas amplas, paisagens variadas e contextos culturais diversos. Sabrina Savani se man-

tém fortemente atenta às relações sociais que atravessam a presença de pessoas negras, seja no samba, no carnaval ou no futebol. Seus trabalhos exibem, de modo contrastante, cores em sobreposições críticas superpostas a paisagens, muitas vezes, de cartão-postal. Os elementos constitutivos da inventada brasilidade se apresentam, assim como os da desigualdade. Contudo, as colagens de Savani abrem-se às atmosferas oníricas, configurando janelas do sonho e do desejo.

Silvana Mendes (São Luís do Maranhão, 1991) – Graduada em Artes Visuais, vive em São Luís. Seus processos de trabalho envolvem a utilização de fotografias, sobretudo de retratos, onde as personagens estão marcadas pela anomia. São rostos sem nomes, mas que exibem os indícios de uma cultura rica em adornos, indumentárias. Os retratos de homens e mulheres negros e negras, sob a intervenção da artista, ganham molduras douradas, abarrocadas. Flores, colares, coroas, búzios, estatuetas adornam os retratos inserindo-os em fundos sublimes, deslocados de pinturas de paisagem

Sabrina Savani, da esquerda para a direita: *Lucro* e *Verão*

Fotos: Divulgação



nas quais a presença humana, quando existia, estava relegada ao trabalho e à escravização.



Silvana Mendes, *Afetocolagens – Reconstruindo Narrativas Visuais de Negros na Fotografia Colonial Série II*, 2023

Foto: Divulgação

Carybé (Lanús, 1911-Salvador, 1997) – Nascido em Lanús, subúrbio de Buenos Aires, Héctor Julio Paride Bernabó (Carybé) teve passagens pelo Brasil antes de se instalar de vez em Salvador, Bahia. Ingressou na Escola Nacional de Belas Artes do Rio no final dos anos 1920, abandonando o ensino acadêmico, logo em seguida. Participou de um grupo de artistas independentes em Salta, Argentina, e foi contratado pelo jornal

El Pregón para viajar pela América Latina desenhando cenas de um cotidiano cultural e popular. Ao chegar em Salvador, o jornal declara falência e deixa o artista impossibilitado de retornar à Argentina. Ele passa a conviver com o povo baiano e ao conseguir retornar a Buenos Aires, as imagens desenhadas e pintadas na Bahia renderam sua primeira exposição individual. Com o auxílio de intelectuais como Rubem Braga e Mário de Andrade, volta definitivamente à Bahia em 1949, passando a dedicar a vida à convivência, registro e interpretação de um Brasil festivo, marcado por personagens populares e, sobretudo, encantado pelos ritos consagrados aos orixás do candomblé.



Carybé

Fotos: Divulgação





Glauco Rodrigues, *Igreja N.S. da Lapa dos Mercadores, Rua dos Mercadores*

Foto: Divulgação

Glauco Rodrigues (RS, 1929-Rio de Janeiro, 2004) – Nascido em Bagé, começou a produzir como autodidata; aos 20 anos, recebeu uma bolsa de estudos que o permitiu frequentar a Escola Nacional de Belas Artes no Rio de Janeiro. Em 1951, fundou o clube de Gravura de Bagé e fixou-se em Porto Alegre, onde integrou o clube de gravura da capital gaúcha. A partir dos anos 1960, já morando no Rio, desenvolveu o estilo que lhe seria característico, marcado pela influência da arte pop e pelo retorno à figuração hiper-realista, tratando de temas em torno da identidade brasileira como o carnaval, o futebol, as exuberâncias naturais e alguns episódios da história do Brasil. A partir dos anos 1970,

passou a incorporar personagens históricos junto a elementos contemporâneos, bem como fez citações diretas a pinturas consagradas da arte brasileira, recurso presente nas serigrafias que vemos aqui, já dos anos 1990.

Cícero Dias (Pernambuco, 1907-Paris, 2003) – Nascido no engenho Jundiá, consagrou-se como artista moderno no Rio ainda nos anos 1920, com obras que apresentavam um imaginário fantástico e erótico, e que evocavam a paisagem e a identidade recifense. O artista mudou-se para Paris no final dos 1930, onde viveu por mais de seis décadas. Nas serigrafias da década de 1990, exibidas na mostra, observa-se um retorno às memórias de Recife e ao imaginário lúdico e nostálgico da infância. As linhas retas das janelas dos sobrados (espécies de molduras secundárias dentro da cena) estabelecem contraponto com a sinuosidade dos motivos vegetais. Em vários casos, Dias aborda simultaneamente as relações entre a casa e a rua, o público e o privado, ver e ser visto, sobretudo por meio da presença de figuras femininas que transitam entre o objeto de desejo e a figura materna acolhedora, algo que remete à sua produção dos anos 1920 e dos anos 1960.

SERVIÇO

Notícias do Brasil

Até 1º de novembro

Centro Cultural PGE-RJ (antigo Convento do Carmo)

Rua Primeiro de Março, S/Nº, Praça XV, Centro,
Rio de Janeiro / RJ

Dias/Horários: de terça a sábado, das 10h às 18h

Entrada gratuita | Classificação livre



Um oceano de Histórias

Texto e fotos:
Maria Hermínia Donato

Ao entrar na Whitechapel Gallery para visitar a exposição *“Deadweight”* de Dominique White, vencedora do Prêmio de Arte Max Mara, sou transportada para um mundo de naufrágios e mitos náuticos. Quatro grandes esculturas pouco iluminadas expostas no espaço da galeria, com sombras de tons azuis, aludem ao fundo do mar.

O Prêmio de Arte Max Mara é um prêmio bienal concedido a artistas mulheres que trabalham no Reino Unido. Fundado em 2005 pela Whitechapel Gallery em parceria com a marca de moda italiana Max Mara, o prêmio apoia e promove o trabalho de artistas emergentes. A premiação inclui uma residência artística de seis meses na Itália, onde a vencedora tem a chance de explorar novas ideias, desenvolver projetos e imergir na rica cultura e história do país. Inclui acesso a recursos e suporte para expandir sua prática artística, culminando em uma exposição individual de suas novas obras na Whitechapel Gallery, em Londres, e no Collezione Maramotti, em Reggio Emilia, Itália.

O prêmio oferece a Dominique White uma plataforma significativa para a visibilidade internacional, ajudando a impulsionar sua carreira no cenário artístico contemporâneo. O título da mostra, *“Deadweight”*, vem da medida da capacidade do navio de transportar diversos itens: carga, suprimentos, água de lastro, provisões e tripulação. O deadweight (peso morto) é a diferença entre o deslocamento e a massa do navio vazio (lightweight). É a balança que estabelece se o navio flutua ou afunda.



Dominique White utiliza uma variedade de objetos e materiais carregados de história e cultura, como a corda de sisal que deixa um resíduo preto ao ser manuseada, refletindo sua pesquisa profunda em espiritualidades africanas e histórias marítimas. A artista valoriza a capacidade dos materiais de contar histórias por si mesmos. As esculturas evocam perigo e, ao mesmo tempo, uma possibilidade de existência no fundo do mar, refletindo sobre a diáspora negra, seu deslocamento e sobrevivência.



A prática da artista está enraizada na exploração do oceano e da história marítima, referenciando o conceito de Atlântico Negro – um termo cunhado por Paul Gilroy para descrever as conexões culturais e históricas formadas pelos africanos através do Oceano Atlântico. As esculturas combinam força e fragilidade, com estruturas angulares ondulantes formadas a partir do ferro manipulado, evocando âncoras, cascos de navios, carcaças e esqueletos.

Como parte do processo, as esculturas foram imersas no Mar Mediterrâneo, um gesto físico e poético explorando o efeito transformador da água em objetos materiais. O resultado exibe ferrugem e oxidação dos



metais, e fragmentação de elementos orgânicos, como sisal, ráfia e madeira. White opta por não tratar o ferro, deixando-o em sua forma mais bruta, permitindo que ele se corra e mude conforme as condições em que é mantido. Esses materiais são cruciais para contar sua história e expressar a ideia de não ser confinado.

Segundo White, ela é fascinada pela *“potência metafórica e poder regenerativo do mar”*. Seu processo criativo imagina um futuro afro, enfatizado por uma profunda consciência histórica. Para ela, o ferro no mar Atlântico é um vestígio do Comércio Transatlântico de Escravos. Ambos os lados da família de White são da *Geração Windrush* (aqueles que chegaram ao Reino

Unido vindos de países caribenhos entre 1948 e 1973), o que faz da viagem pela água uma ideia central em seu trabalho desde os tempos de estudante.

Um filme em exibição na Whitechapel, que também pode ser visto online, apresenta a artista discutindo sua pesquisa ao longo de seis meses na Itália, no histórico porto de Gênova. Ela visitou Agone, Palermo, Milão e Todi, onde explorou arquivos, mergulhou na história naval do Mediterrâneo e trabalhou com acadêmicos como Giovanna Fiume, uma especialista em migração histórica. As duas discutiram rotas históricas e pirataria, e Fiume aparece no filme junto com outros mentores. Vemos White durante sua residência, visitando fábricas de fundição e aprendendo técnicas de metalurgia tradicionais e contemporâneas.

Penso no Mediterrâneo e nos refugiados, e me lembro da pergunta colocada pela artista: *“Quando você morre, e nem o estado onde nasceu, nem o seu lar adotivo te querem, para onde vai sua alma?”* Saio da exposição me lembrando do refrão da música cantada por Caetano e Bethânia:

*Que navio é esse que chegou agora
É o navio negreiro...*

SERVIÇO

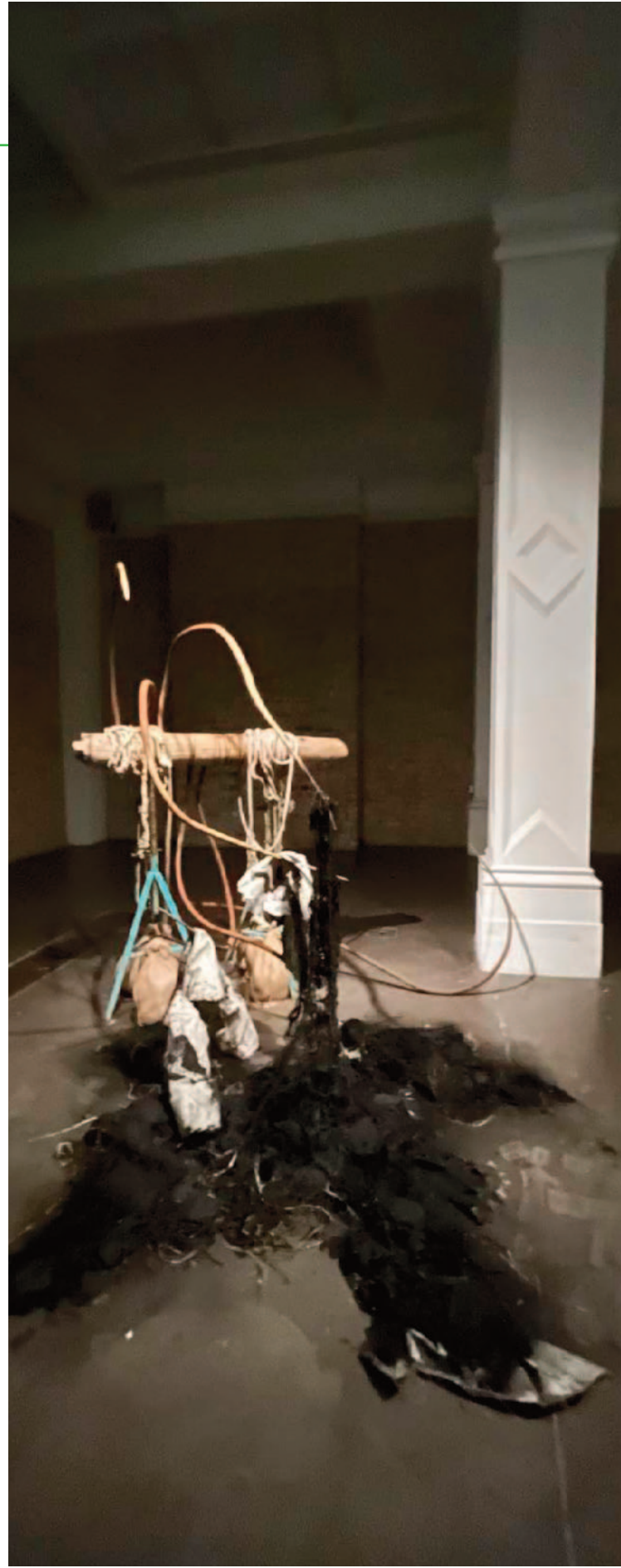
“Deadweight” de Dominique White

Até 15 de setembro

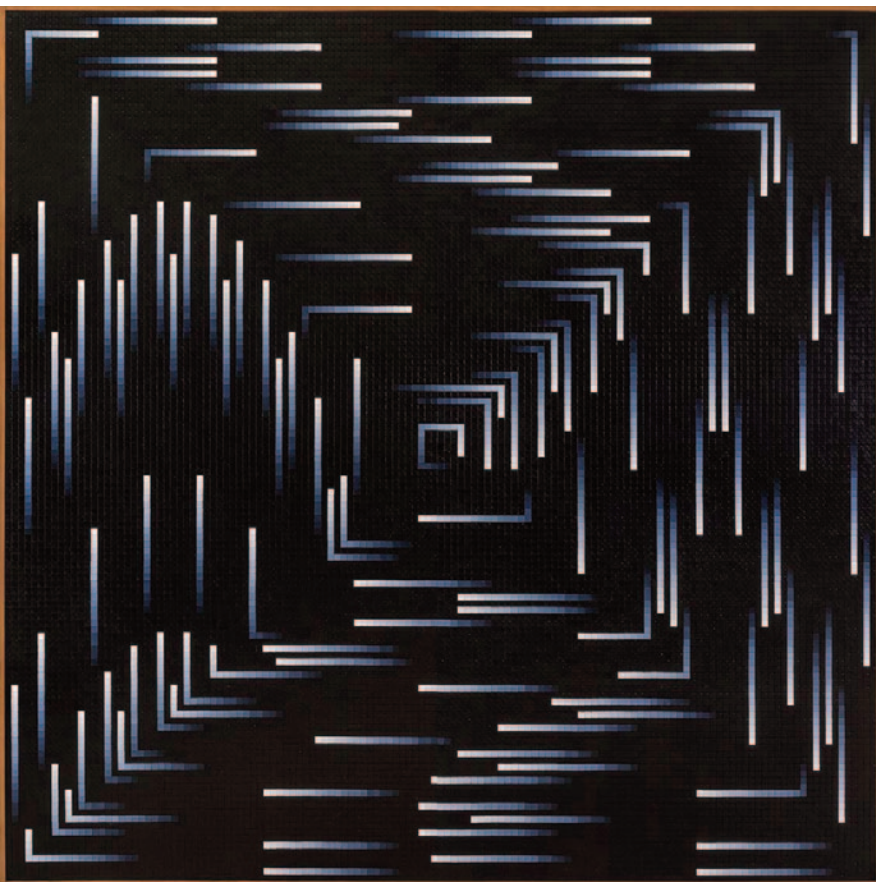
Whitechapel Gallery

77-82 Whitechapel High Street, London, E1 7QX

<https://www.whitechapelgallery.org/exhibitions/dominique-white-deadweight/>



Paço Imperial, RJ, inaugura dia 3 duas exposições:
AGITAÇÕES PELO NÚMERO, de José Patrício
e
TERRA VERMELHA, de Raul Leal



José Patrício, *Trajetórias sobre preto - versão 2*, 2018

Foto: Robson Lemos



Raul Leal, *Rebento*, 2024

Foto: Divulgação

JOSÉ PATRÍCIO: AGITAÇÕES PELO NÚMERO

O artista pernambucano, conhecido pela combinação de centenas e até milhares de peças de dominó que provocam um intenso efeito óptico, ocupa três salas no Paço Imperial com mais de 70 obras criadas principalmente nos últimos dez anos.

A curadoria é de Paulo Herkenhoff

Autor do livro *“José Patrício: cogitações sobre o número”* (2010), que cobriu quase três décadas da trajetória do artista *“sob a dimensão da geometria e de teorias filosóficas da matemática”*, Paulo Herkenhoff convida o público *“a projetar os significados que elaborarém”* sobre as obras expostas. *“Cada visitante será assim agitado para interpretar o Número”*, afirma.

O percurso da exposição tem início na antecâmara da Sala Gomes Freire, apelidada de *“Sala Dourada”* por conta da obra *“Estrutura modular dourada”* (2019), em placas de metal dourado, pregos de latão e esmalte sobre madeira. *“Espirais cromáticas série 2 nº 1”* (2023), *“Espirais cromáticas XVIII”* (2022), e *“Afinidades cromáticas – Dourados Versão 2”* (2018) completam o espaço.

“José Patrício segue as reflexões de Leibniz [filósofo alemão, 1646-1716] para quem a ars combinatoria ou ciência geral das formas ou da similaridade e dissimilaridade é um método universal, fundamento de todas as ciências” observa Paulo Herkenhoff. *“Este é seu desafio há 25 anos”*, destaca.



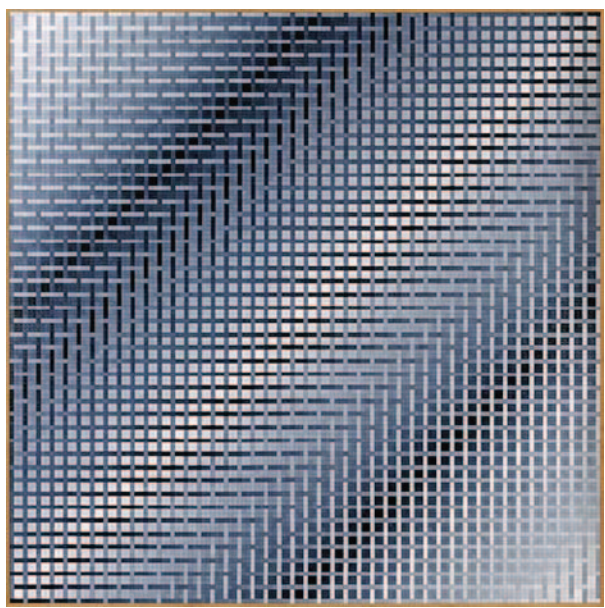
Afinidades cromáticas - Dourados - versão 2, 2018
Foto: Robson Lemos

QUEBRA-CABEÇA DE PLÁSTICO – EFEITO VISUAL

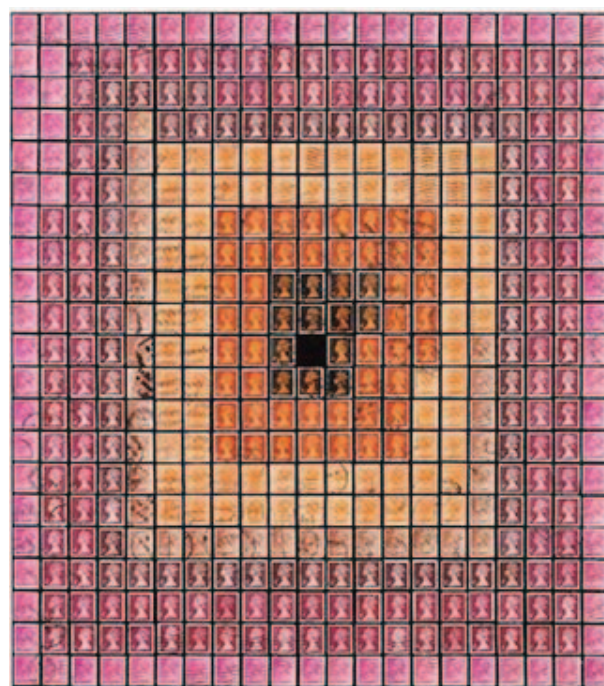
A grande Sala Gomes Freire é identificada como *“Sala Azul”* devido à coloração de 16 trabalhos criados por

José Patrício nos últimos seis anos, com peças de quebra-cabeças de plástico sobre madeira, das séries *Circuito Tonal* e *Tramas tonais*, e tamanhos que variam de 190 x 190cm a 81 x 81cm. No mesmo espaço encontra-se o armário-vitrine com as obras de arte popular colecionadas por José Patrício.

De cima para baixo:
Circuito Tonal XVI, 2022; *Tramas tonais XIX*, 2023
Fotos: Robson Lemos



Neste segmento está também a obra cedida pelo Museu de Arte do Rio (MAR) *“Painel de azulejos holandeses (Delft) – Temática de criaturas marinhas e peixes emolduradas por cantoneiras em ossekopjes”* (1640-1670), e cerâmica vitrificada, além de trabalhos coloridos, como *“Sequências cromáticas”* (2011), e *“6.272 peças – 112”* (2011), ambos com peças de plástico sobre madeira; *“Conexões cromáticas A-7”* (2016), *“A-12, A-13, A-14”*, de 2023, as quatro feitas com selos postais sobre impressão em Canson Rag Photographique, e ainda *“Através do espelho”* e *“Através do espelho II”*, de 2023, em gravura em metal.



Conexões cromáticas A-7, 2016

Foto: Robson Lemos

QUE A TERRA TE SEJA LEVE

A última sala, Treze de Maio, batizada de *“Sala Cinza”*, reúne nove obras da série *“Vanitas”*, entre elas *“Me-*

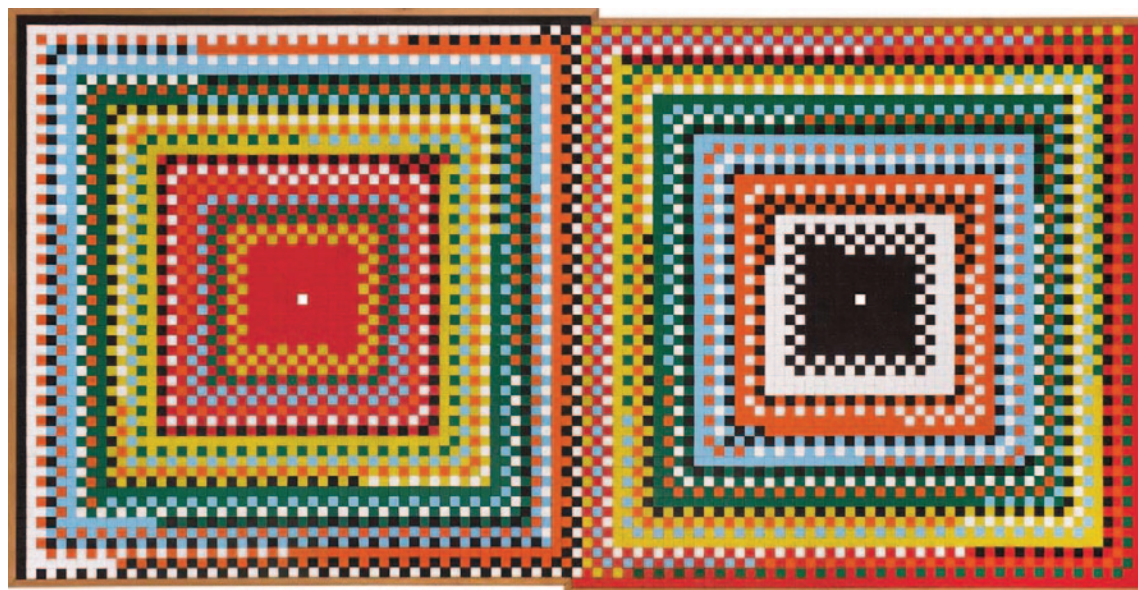
mento Mori" (2023), que traz a imagem de um crânio a partir de módulos em tons de cinza, de 7cm x7cm, em esmalte sintético sobre cartão, pregos, base de madeira e cartazes impressos, com 3 metros de altura por 1,96m de largura. O trabalho integra também a Trienal de Tijuana (julho de 2024 a fevereiro de 2025), no México. Ao apontar o celular para as obras "*Vanitas QR Code VIII*", "*Vanitas QR Code XII*" e "*Vanitas QR Code XIII*" (2011-2018), em peças de quebra-cabeças de plástico sobre madeira, se vê na internet a citação em latim "*Sittibi terra Levis*": "*que a terra te seja leve*".

SOBRE JOSÉ PATRÍCIO

José Patrício nasceu em 1960, no Recife, onde vive e trabalha. Ativo no circuito de arte desde 1976, quando integrou o 4º Salão dos Novos, no Museu de Arte Contemporânea de Pernambuco, em Olinda, participou de diversas bienais, entre elas a 22ª Bienal de São Paulo e a 3ª Bienal do Mercosul, em Porto Alegre, (ambas em 1994); além da 8ª Havana Biennial, Cuba (2003). Seu

trabalho pode ser encontrado em importantes coleções, como: *Fondation Cartier pour l'art contemporain*, Paris, França; Museu de Arte Moderna Aloísio Magalhães (MAMAM), Recife; Museu de Arte Moderna da Bahia, em Salvador; e Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro.

O trabalho de José Patrício se realiza na fronteira entre instalação e pintura, misturando esses gêneros. Sua prática parte do arranjo de objetos cotidianos, tais como dominós, dados e botões, a fim de criar padrões e imagens que podem ter caráter geométrico ou orgânico, ainda que não deixem de resguardar uma familiaridade enigmática com o cotidiano. Patrício despontou no mundo da arte em 1999, quando criou uma instalação para o convento de São Francisco, em João Pessoa. Na ocasião, o artista utilizou dominós como elemento-chave para muitos dos seus trabalhos. Quando vistos de longe, os padrões observados ganham uma qualidade pictórica (dada sua configuração geral) que contrasta com a natureza gráfica individual de cada peça.



6.272 peças, 2011
Foto: Robson Lemos



RAUL LEAL: TERRA VERMELHA

A destruição ambiental no Norte e Noroeste Fluminense, acelerada ao longo dos últimos anos, é ponto de discussão em "Terra Vermelha".

A mostra exhibe os trabalhos do artista Raul Leal, que ao longo dos últimos anos documentou e atuou na região propondo uma prática artística que une sustentabilidade e artes visuais

A vista natural e o bioma regional, que ao longo dos séculos inspiraram inúmeros artistas viajantes, agora sofre a ação extrativista humana. A erosão acelerada, as secas prolongadas, a má qualidade do solo e as mudanças no bioma regional são evidências de um problema ecológico que altera a paisagem. Buscando trazer esse cenário à tona, Raul Leal, natural da região noroeste fluminense, reflete sobre a ameaça ao bioma da mata atlântica evidenciando a alteração no território.

Libélula, 2024

Foto: Divulgação

“Há um histórico de ocupação onde podemos observar processos de degradação do meio ambiente que hoje resultam em sérios problemas. Em meu trabalho, busco recuperar uma imagem que vem se apagando com o desaparecimento da natureza no interior do Brasil, resultante das práticas predatórias adotadas a serviço do lucro”, conta Raul Leal.

Na mostra o artista apresenta uma série de obras que variam entre fotografia, desenho e gravura, no ímpeto de expor a devastação. Trabalhando sumariamente com madeiras naturais e queimadas, Raul Leal cria um inventário visual onde documenta animais que resistem nas áreas agredidas e diferentes plantas do bioma natural fluminense, fotografadas antes de uma ação de reflorestamento guiada por semanas a fio pelo artista.

“O artista enquadra cenas onde a vida natural ainda persiste, lutando pela sobrevivência,” afirma o curador da exposição, Lucas Albuquerque. “As imagens são sobrepostas a talhos de madeira, criando uma conexão direta com a tradição das paisagens na arte brasileira dos séculos XVII e XIX. Diferente dessas representações históricas, as imagens de Raul evidenciam o risco iminente da devastação.”

PROJETO INICIADO EM 2022

A exposição *“Terra Vermelha”* é o desdobramento de um projeto iniciado no SESC-Campos em agosto de 2022. Apresentando trabalhos resultantes da ação direta do artista na região, a exposição incluiu o plantio de mudas de árvores com o apoio do SESC. As árvores foram documentadas e posteriormente transformadas



Pássaro

Foto: Divulgação

em objetos de arte, exibidos na mostra, configurando um ateliê coletivo onde o público foi convidado a participar do desenvolvimento das obras ao longo dos meses.

Como maneira de articular formas de combater as práticas predatórias adotadas na região, diversas atividades complementaram a exposição no SESC-Campos, como a doação de mudas de árvores nativas, além de visitas guiadas.

Para a exposição no Paço Imperial o artista criou séries inéditas, realizadas a partir do plantio de mudas de árvores no noroeste fluminense e imagens de animais e

plantas que resistem nesses locais degradados. O desenvolvimento dos processos na exposição “*Terra Vermelha*” mantém o compromisso de promover a consciência ambiental através da arte, continuando a inspirar reflexões e ações concretas para a preservação dos ecossistemas brasileiros.

SOBRE RAUL LEAL

Raul Leal é artista visual formado pela Escola de Artes Visuais do Parque Lage RJ. É especialista em gestão cultural pela Fundação Cecierj RJ. Residências no Parque Nacional de Itatiaia, na Universidade Federal do Espírito Santo e no Parque Nacional do Caparaó. Realizou diversas exposições individuais e coletivas em galerias e espaços institucionais como MAM – RJ, Caixa Cultural e Sesc. Possui trabalhos em instituições como Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, Museu de Arte de Blumenau, Biblioteca Nacional, Universidade Federal do Espírito Santo, entre outras. Utiliza em sua produção artística os meios da pintura, desenho, fotografia, instalação e vídeo.

<https://www.raulleal.com.br/>

SOBRE LUCAS ALBUQUERQUE

Lucas Albuquerque é bacharel em História da Arte e mestre em Processos Artísticos pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Foi coordenador curatorial da Casa Museu Eva Klabin (Rio de Janeiro), produzindo diálogos entre seu acervo e arte contemporânea. Foi curador-organizador da Galeria Aymoré (Rio de Janeiro). Como curador do programa de residências artísticas do Instituto Inclusartiz (Rio de Janeiro), trabalhou estabelecendo conexões com artistas, curadores e pesqui-

sadores entre Brasil e Reino Unido (*Delfina Foundation*), França (*FracBretagne*), Espanha (*Homes-sessions*) e Holanda (*Rijksakademie*).

SERVIÇO

José Patrício: Agitações pelo número

Raul Leal: Terra Vermelha

De 3 de agosto a 20 de outubro

Paço Imperial

Praça Quinze de Novembro, 48, Centro, Rio de Janeiro / RJ

Dias/Horários: terça a domingo e feriados, das 12h às 18h

Tels.: (21) 2215-5231 / (21) 2215-2093

Entrada gratuita

Rã

Foto: Divulgação



Três mostras inéditas inauguram o II CICLO EXPOSITIVO DE 2024 da Casa de Cultura do Parque, SP

Com direção artística de Claudio Cretti, o II Ciclo Expositivo apresenta obras de Carla Chaim, Marcelo Amorim, Nino Cais, Lenora de Barros, Rosângela Rennó, Leda Catunda, Flora Leite e Mano Penalva. As mostras serão inauguradas no dia 3



Rosângela Rennó, *Nuptias Penelope Dick*, 2017
Foto: Gabriela Carrera

Artistas de diferentes gerações apresentam obras em diversas mídias, criadas especificamente para os espaços da Casa. Reunindo nomes como Carla Chaim, Marcelo Amorim, Nino Cais, Lenora de Barros, Rosângela Rennó, Leda Catunda, Flora Leite e Mano Penalva, as exposições ficam em cartaz até o dia 13 de outubro.

A VINGANÇA DO ARQUIVO

"A Vingança do Arquivo", na Galeria da Casa, é resultado do convite que os artistas Carla Chaim, Marcelo Amorim e Nino Cais, como curadores, fizeram às artistas Lenora de Barros, Rosângela Rennó e Leda Catunda, com o objetivo de exibir um grande diálogo entre suas produções. A mostra é acompanhada por texto crítico inédito da curadora e pesquisadora Ana Roman.

As práticas de Carla Chaim, Marcelo Amorim e Nino Cais, embora diversas em suas trajetórias, compartilham uma sensibilidade comum aos objetos do mundo, unindo-os pela apropriação.



Leda Catunda, Ana e André, 2016

Foto: Eduardo Ortega

Nesta exposição, o arquivo é o ponto de partida, e cada artista também atua como curador, convidando outro artista para expandir o diálogo. Nino Cais convida Leda Catunda, que ressignifica objetos cotidianos; Carla Chaim convida Lenora de Barros, explorando corpo e escrita; e Marcelo Amorim convida Rosângela Rennó, que recontextualiza imagens. Juntas, suas obras questionam a autoridade documental dos arquivos e expressam a contínua busca dos artistas por ressignificações, iluminando vestígios do passado sob novas perspectivas.

Em seu texto crítico, Ana Roman afirma: *"A vingança dos arquivos se apresenta, em certa medida, como uma mistura entre a apropriação e a dobra de elementos inscritos no passado, que se tornam objetos de fabulação de futuro; ou ainda pode ser compreendida como o desaprendizado das práticas e das categorias fundamentais às lógicas de dominação que regem os arquivos. Os*

artistas reunidos na exposição são, de alguma maneira, desobedientes a essas lógicas e posicionam-se como investigadores da nossa cultura visual. Eles trabalham a partir do desvio."

"A Vingança do Arquivo" propõe uma reflexão profunda sobre a memória, o esquecimento e a reinvenção, convidando o público a reconsiderar a natureza dos arquivos e a autoridade das narrativas históricas.

SONÂMBULA

"Sonâmbula" ocupa o Gabinete da Casa e revela a poética singular de Flora Leite através de obras que exploram os limites entre matéria, objeto e a intangibilidade.

Com trabalhos que capturam a atenção para o que é aparentemente invisível e efêmero, a individual de Flora Leite inclui obras como *"Chaminé"*, uma torre de cigarros Marlboro empilhados, e *"Celeste"*, um apa-

relho óptico que projeta a luz atmosférica no chão. Em *"Alguma coisa, coisa nenhuma"*, a artista transforma a poeira recolhida em uma galáxia no piso da Casa, invertendo a célebre frase *"Somos todos poeira de estrelas"*. A mostra também inclui *"Núcleo, magma, crosta"*, onde um pedaço de pão percorre o elevador da casa, em um movimento que reflete a combinação de repouso e deslocamento.



Flora Leite, *Sem título (pão)*, 2024 Foto: Janaína Wagner

A poeta Julia de Souza, em seu texto crítico, observa que as obras de Flora Leite transitam entre o concreto e o abstrato, provocando reflexões sobre a natureza das coisas e a linguagem. Ela escreve: *"O sentido das coisas nunca é estanque – e tampouco são estanques as próprias coisas"*.

"Sonâmbula" é um convite à imersão no universo poético de Flora Leite, que desafia o espectador a olhar para o cotidiano com novos olhos, a perceber a beleza e a poesia nos detalhes mais sutis e a refletir sobre as fronteiras entre o tangível e o intangível.

CREPOM

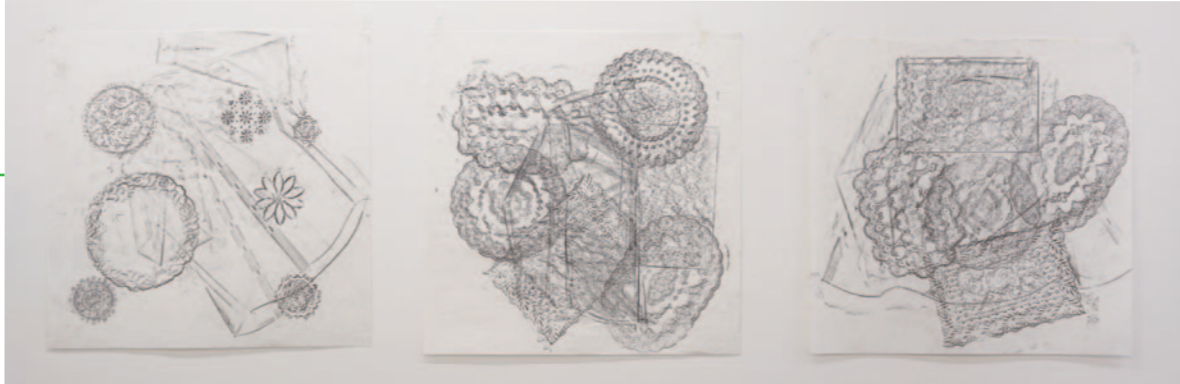
Inspirado pela memória afetiva de sua avó, que lhe ensinou a fazer flores de papel crepom, Mano Penalva celebra os saberes transmitidos pelo corpo e pelo afeto. A instalação *"Crepom"*, criada especialmente para o *"Projeto 280x1020"* da Casa de Cultura do Parque, é composta por uma videoperformance, um canal sonoro e dois grandes murais que lembram lousas, adornados com babados de crepom branco.



Mano Penalva, *Crepom*

Foto: Estúdio em obra

Penalva evoca a educação convencional, com elementos que remetem à autoridade do professor e à organização normativa do alfabeto, para, em seguida,



Nino Cais, *Sem título* (da série *Sudário*), 2023

Foto: Fernando Pereira

questionar essa estrutura. A instalação sugere que o conhecimento é transmitido também pela matéria, desafiando a separação entre intelecto e corpo, arte e artesanato, masculino e feminino, escrita e oralidade.

O texto da curadora e pesquisadora Mariana Leme contextualiza "*Crepom*" dentro da história da arte ocidental, marcada pela divisão entre natureza e cultura, arte e artesanato. "*Uma educação pela pedra, ou pelas flores, pode significar uma bem-vinda contaminação cultural, para que possamos aprender da matéria, e reconhecer que também somos feitos dela.*"

Penalva convida o público a aprender com a matéria, a reconhecer nossa conexão com ela e a valorizar os

saberes que atravessam gerações. A exposição é uma oportunidade de refletir sobre as próprias práticas educacionais e culturais, promovendo uma contaminação cultural bem-vinda e necessária.

SERVIÇO

II Ciclo Expositivo 2024

- *A Vingança do Arquivo* – Carla Chaim, Marcelo Amorim, Nino Cais, Leda Catunda, Lenora de Barros e Rosângela Rennó

- *Sonâmbula* – Flora Leite

- *Crepom* – Mano Penalva

Aberturas: sábado, 3 de agosto, das 14h às 18h

Visitação: de 3 de agosto a 13 de outubro

Casa de Cultura do Parque

Av. Prof. Fonseca Rodrigues, 1300, Alto de Pinheiros, São Paulo / SP

Dias/Horários: quarta a domingo, incluindo feriados, das 11h às 18h

ccparque.com.br

Carla Chaim, *Sem título* (da série *Sopro*), 2024

Foto: Fernando Pereira



Marcelo Amorim, *Salto ornamental III*, 2024

Foto: Fernando Pereira





Revanche

Foto: Acervo Panmela Castro

PANMELA CASTRO NO MUSEU DE ARTE DO RIO

Pela primeira vez, artista apresenta exposição totalmente participativa: mostra se inicia em processo e, através de performances e ações, será construída com o público

A exposição *“Ideias radicais sobre o amor”*, da carioca Panmela Castro, será inaugurada dia 9 de agosto no Museu de Arte do Rio (MAR). Com mais de 20 anos de trajetória, a artista apresenta uma mostra com obras

participativas, tendo como fio condutor a ideia da psicologia que fala sobre a necessidade de pertencimento como impulso vital dos seres humanos. Com curadoria de Daniela Labra e assistência curatorial de Maybel

Sulamita, são apresentadas 17 obras, sendo 10 inéditas, entre performances, fotografias, pinturas, esculturas e vídeos, que exploram questões como afetividade, solidão, visibilidade, empoderamento, autocuidado e memórias.

"Essa individual de Panmela Castro permite ao público conhecer muitas facetas de sua linguagem interdisciplinar. Seu trabalho navega por diferentes mídias e suportes de um modo único, reunindo questões estéticas, afetivas e ativistas em uma obra que é fundamentalmente performática e processual. A exposição no MAR traz trabalhos inéditos e versões de outros já existentes, formando um ambiente lúdico, instigante e transformador", afirma a curadora Daniela Labra.

A exposição irá se construir através de performances, ações e participações do público, que acontecerão ao longo do período da mostra. *"Todas as obras de alguma forma precisam do outro para existir ou se completar, é uma exposição que começa em construção",* ressalta Panmela Castro. A exposição será inaugurada com três telas em branco da série *"Vigília no Museu"*, que serão pintadas quando o museu estiver fechado ao público. Em forma de vigílias dentro do MAR durante a noite, a artista se encontrará com pessoas para retratá-las. Um conjunto com 50 fotografias com registros da série *"Vigília"* também fará parte da mostra.

A mostra conta, ainda, com obras inéditas nas quais o público é convidado a participar. Em *"Chá das Cinco"*,



Série Vigília

Foto: Gabriel Andrade

por exemplo, o público é convidado a tomar um chá e compartilhar conselhos com outros visitantes da exposição, através de bilhetes deixados debaixo do pires.

Já em *"Vestido Siamês"* duas pessoas poderão vestir, ao mesmo tempo, um grande vestido rosa feito em filó. Além disso, o público será convidado a trazer batons para a obra *"Coleção de Batons"* e objetos para deixar em um casulo, que serão transformados em esculturas pela artista. Esses objetos, que podem trazer memórias boas ou ruins, serão ressignificados e eternizados pela arte.



Vestido Siamês

Foto: Renata Anchieta

Inspirada nos tradicionais jogos arcade (fliperama), a obra *"Luta no Museu"* será um jogo para o visitante, no qual os lutadores são os artistas Allan Weber, Anarkia Boladona, Elian Almeida, Priscila Rooxo, Vivian Caccuri e Rafa Bqueer. Os cenários retratados são o Museu de Arte do Rio, o Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro e a Escola de Artes Visuais do Parque Lage. A artista propõe o jogo como uma brincadeira de luta entre artistas, onde o vencedor expõe sua obra no museu.

Completando os trabalhos inéditos o vídeo *"Stories"* – uma coleção de pequenos vídeos publicados no Instagram da artista ([@panmelacastro](https://www.instagram.com/panmelacastro)) que convidam o público a fazer parte das diferentes situações de sua vida e de seu processo artístico.

Obras icônicas também fazem parte da exposição, como *"Biscoito da sorte"* (2021), que traz os tradi-

cionais biscoitos japoneses com mensagens feministas criadas por Panmela; *"Bíblia feminista"* (2021), na qual o público pode escrever ideias que guiem a emancipação e a luta por direitos das mulheres cis e trans, e *"Consagrada"* (2021), fotoperformance na qual a artista aparece com o peito rasgado com esta escarificação, fazendo uma crítica à forma como o mercado de arte elege seus personagens.

"Não surpreende que Panmela hoje seja respeitada internacionalmente, tanto pela inventividade de sua arte quanto pela postura em relação a assuntos como violência de gênero de diversos tipos. Esse tema há anos a estimula a criar ações artísticas, pinturas, objetos e também desenvolver ações de cunho pedagógico e político através de sua organização que usa as artes para promover direitos, principalmente o enfrentamento à violência doméstica, a Rede NAMI", diz a curadora Daniela Labra.



Consagrada
Foto: Ana Pigosso

Completam a mostra, quatro performances que a artista fará ao longo do período da exposição. No dia 17 de agosto, *“Culto contra os embustes”* (2020); dia 28 de setembro, *“Honra ao mérito”* (2023), realizada na I Bienal das Amazônias. Em outubro, dia 5, será a vez da performance inédita *“Revanche”* (2019), na qual a artista confronta as imposições do feminino compulsório, convidando o público a apreciar o momento de um acerto de contas com o urso de quatro metros de altura que estará na mostra; e no 12 será realizada *“Ruptura”* (2015), trabalho que abre espaço para discussões mais amplas sobre gênero e alteridade. Todas as obras de performances serão registradas e terão seus vídeos exibidos na exposição.

PANMELA CASTRO

Vive e trabalha no Rio de Janeiro e em São Paulo. Sua prática artística é movida por relações de afeto e alteridade. Com base na ideia de *“Deriva Afetiva”*, propõe o acaso como o sujeito de uma busca incessante por um sentido de pertencimento. A partir do pensamento da performance, a sua produção artística converge em trabalhos que permeiam a pintura, a escultura, a instalação, o vídeo e a fotografia. Panmela é graduada em pintura pela Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro (2007), possui mestrado em Processos Artísticos Contemporâneos pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (2011) e é pós-graduada em Direitos Humanos, Responsabilidade e Cidadania Global na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (2023).

Seu trabalho faz parte de coleções internacionais, incluindo o *Stedelijk Museum* e o ICA Miami, assim como

importantes coleções no Brasil, como o Instituto Inhotim, MASP, Pinacoteca do Estado de São Paulo, Museu Nacional de Belas Artes e Museu de Arte do Rio.

Ativista social e protagonista da quarta onda feminista, segundo Heloisa Buarque de Holanda no seu livro *“Explosão Feminista”*, Panmela Castro é fundadora da organização sem fins lucrativos Rede NAMI. Desenvolve um trabalho de base na promoção dos direitos das mulheres e de enfrentamento à violência doméstica, tendo atingido mais de 200.000 pessoas na última década.

SERVIÇO

“Ideias radicais sobre o amor”, de Panmela Castro

Abertura: 9 de agosto, às 20h

Exposição: até 24 de novembro

Museu de Arte do Rio | MAR

Praça Mauá, 5, Centro, Rio de Janeiro / RJ

Dias/Horários: de terça a domingo, das 11h às 18h
(última entrada às 17h)

Performances:

Dia 17 de agosto, às 16h – *Culto contra os embustes*

Dia 28 de setembro, às 16h – *Honra ao mérito*

Dia 5 de outubro, às 16h – *Revanche*

Dia 12 de outubro, às 16h – *Ruptura*



Foto: Gabriel Andrade



Foto: Divulgação

PARSONS DANCE

Companhia do coreógrafo David Parsons, considerada uma das principais companhias de dança moderna do mundo, chega ao Brasil este mês para uma turnê por três capitais

Gênio das artes coreográficas e apaixonado pela dança e pelo Brasil, David Parsons volta ao país após um hiato de 16 anos. Para marcar seu retorno aos pal-

cos brasileiros, apresentará um espetáculo que reúne seis diferentes peças – desde dois de seus maiores clássicos até três coreografias inéditas no Brasil. O

público também poderá conferir *“Nascimento”*, peça criada por Parsons para celebrar o Brasil e a arte do gênio Milton Nascimento.

As apresentações começam em São Paulo, no Teatro Bradesco, nos dias 14 e 15 de agosto, seguindo para Curitiba (Teatro Guaírá) no dia 20, e Rio de Janeiro (Cidade das Artes) nos dias 24 e 25 de agosto.

Em um espetáculo que mistura o clássico e o moderno, flertando com o pop, o público irá assistir a duas obras

marcantes de seu repertório: *“Wolfgang”*, coreografada por Parsons para a Sinfonia no 25 em sol menor de Mozart, mas com uma energia moderna, e *“Caught”*, considerada uma das mais emblemáticas peças da companhia.

Além dessas, três coreografias serão apresentadas pela primeira vez no Brasil: *“Balance of Power”*, uma dança eminentemente percussiva, de 2020, também considerada um dos solos mais icônicos da Parsons Dance; *“The Shape of Us”*, um número com passos desafiadores onde

Foto: Divulgação





Foto: Divulgação

explora a conexão com a música da banda experimental Son Lux; e *“JUKE”*, uma peça vibrante do coreógrafo Jamar Roberts, um veterano do *Alvin Ailey American Dance Theater*, criada com a música de Miles Davis.

A turnê brasileira também inclui *“Nascimento”*, a maior do espetáculo e a mais emblemática para o público brasileiro, por ser uma homenagem ao país, criada sobre uma música de Milton Nascimento. Quando criou a coreografia, que já foi apresentada em todo o mundo, Parsons explicou que ela refletia as sensações de um norte-americano sobre o que viu no Brasil – *“Um pouco dos ritmos e cores da música e do povo brasileiro”*.

Nos últimos 39 anos, David Parsons emociona o público com sua companhia de dança sediada em Nova York. O coreógrafo revela que a Parsons Dance é conhecida por sua fisicalidade e virtuosidade. *“Gosto de levar o público por uma experiência emocional e criar impressões que ninguém jamais esquece”*, ressalta.

A genialidade de Parsons, saudado pelo New York Times como *“um dos grandes impulsionadores da dança moderna”*, e o trabalho enérgico e atlético desenvolvido em mais de 75 obras que fazem parte de seu repertório, garantiram à companhia um lugar de destaque no panorama da dança mundial. A *Parsons*

Dance já se apresentou nos cinco continentes e em 445 cidades de 30 países.

Apresentada pelo Ministério da Cultura e pelo Bradesco Seguros, com o apoio da Lei Federal de Incentivo à Cultura, a turnê da *Parsons Dance* é uma realização da DELLARTE, em parceria com o Ministério da Cultura e o Governo Federal – União e Reconstrução. A apresentação no Rio de Janeiro conta também com o patrocínio da Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro e da Secretaria Municipal de Cultura.

SERVIÇO

Parsons Dance

São Paulo

Datas: 14 de agosto, quarta-feira – 21h
e 15 de agosto, quinta-feira – 21h

Teatro Bradesco

R. Palestra Itália, 500, 3º Piso, Perdizes, São Paulo / SP

Ingressos em <https://uhuu.com/evento/sp/sao-paulo/parsons-dance-13380>

Curitiba

Data: 20 de agosto, terça-feira – 21h

Teatro Guaíra

R. XV de Novembro, 971, Centro, Curitiba / PR

Ingressos em

<https://www.diskingressos.com.br/evento/7007/20-08-2024/pr/curitiba/parsons-dance-company>

Rio de Janeiro

Datas: 24 Agosto, sábado – 16h e 20h
e 25 agosto, domingo, 18h

Cidade das Artes

Av. das Américas, 5300, Barra da Tijuca, Rio de Janeiro / RJ

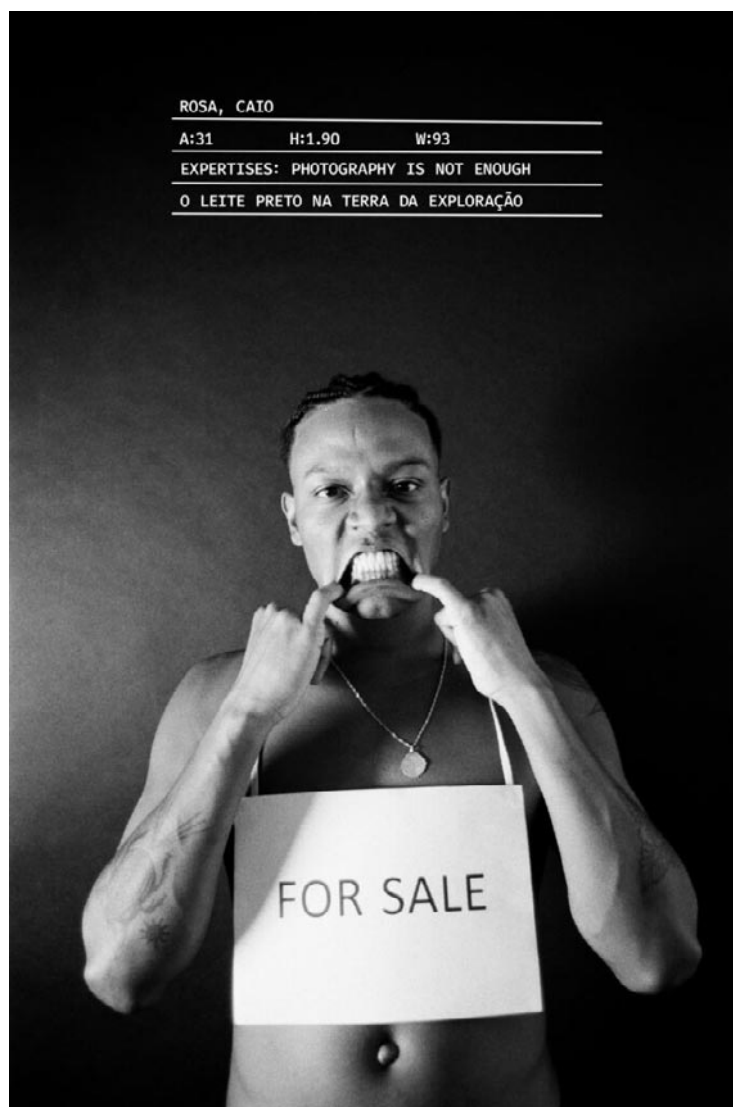
Ingressos em

<https://bileto.sympla.com.br/event/95687/d/264424>



VENCEDORES DA 13ª EDIÇÃO DO PRIX PHOTO ALIANÇA FRANCESA

Sob o tema "(Em) Movimento", a Aliança Francesa celebra seis séries de fotografos premiados pelo júri oficial e pelo voto do público



Caio Rosa, *For Sale Series*

A 13ª edição do Prix Photo Aliança Francesa recebeu um total de 349 portfólios e mais de 62 mil visitas ao site, destacando-se como um dos principais concursos de fotografia do Brasil. Além dos prêmios individuais, alguns dos vencedores terão a oportunidade de expor na Galeria da Aliança Francesa em Botafogo, Rio de Janeiro, e participar de residências artísticas e formações profissionais, fortalecendo ainda mais o cenário fotográfico brasileiro.

SÉRIES PREMIADAS

Prêmio Residência Artística na França

Caio Rosa (RJ):

<https://prixphotoaf.com.br/participante/caio-rosa/>

Destacando-se entre os premiados, Caio Rosa, fotógrafo e pesquisador carioca. Com a série "*For Sale Series*", Caio questiona estereótipos históricos da população negra, utilizando autorretratos para explorar questões de identidade, violência estatal e a complexidade do mercado de arte. A premiação recebida por Caio inclui Bolsa para residência de três meses em Paris e aquisição de seis impressões para

as coleções da Biblioteca Nacional Francesa (BnF) no valor de € 6.000, oferecidos pela Initial LABO, em parceria com a Bibliothèque nationale de France.

Prêmio Lovely House

Ana Mendes (PA): <https://prixphotoaf.com.br/participante/ana-mendes/>

Fotógrafa-documentarista da Amazônia. Em sua série "*Eu não sabia que ia ser militar, se eu soubesse nunca teria aceitado*", as imagens narram a história de Sérvulo Borges e refletem sobre os custos humanos do desenvolvimento, particularmente no contexto do projeto aeroespacial brasileiro em Alcântara.

Ana Mendes vive na Amazônia, entre as cidades de Belém e São Luís. É artista, militante, fotógrafa-documentarista e mestre em ciências sociais



Ana Mendes, *Eu não sabia que ia ser militar, se eu soubesse nunca teria aceitado*

Prêmio Atelie Oriente

Juliana Jacyntho (SP): <https://prixphotoaf.com.br/participante/ana-mendes/>

No ensaio visual "*As coisas restarão para apagar as luzes do mundo*", a fotógrafa transforma objetos cotidianos de um apartamento abandonado em narrativas sobre a impermanência e a memória. Juliana vive e trabalha em São Paulo, SP. É Mestranda em Comunicação e Semiótica na PUC-SP (2023). Utiliza a fotografia como principal linguagem em seus trabalhos, cuja temática central investiga a impermanência, o ordinário da vida e das coisas.



Juliana Jacyntho, *As coisas restarão para apagar as luzes do mundo*

Prêmio Bienal Photo Climat

Jéner Neves (PE): <https://prixphotoaf.com.br/participante/jener-neves-2/>

Com a série "*Memórias de um fotógrafo quando Jovem*", Jéner explora suas memórias pessoais e culturais através da fotografia, enriquecendo o registro histórico e social. Fotógrafo e artista visual Pernambucano, mora no Rio de Janeiro, desde 1985.

Menção Honrosa

Silvana Pinto Mendes (MA):

<https://prixphotoaf.com.br/participante/silvana-pinto-mendes/>

Silvana Pinto Mendes foi agraciada por sua série "*Afetocolagens-Reconstruindo-Narrativas-Visuais-de-Negros-na-Fotografia-Colonial*", uma investigação visual que ressignifica imagens históricas de pessoas negras no Brasil, desafiando estereótipos e reconstruindo narrativas perdidas. Vive e trabalha em São Luís (MA).



Silvana Pinto Mendes, *Afetocolagens-Reconstruindo-Narrativas-Visuais-de-Negros-na-Fotografia-Colonial*

Voto do Público

Moema Novais Costa (MG):

<https://prixphotoaf.com.br/participante/moema-novais-costa/>

O "Prêmio do Público" foi concedido à Moema com a série "*#ELE NÃO: O GRITO DAS MULHERES*", que captura momentos significativos do movimento de resistência contra o conservadorismo, e reflete sobre os direitos das mulheres e as políticas de gênero



Moema Novais Costa, *#ELE NÃO: O GRITO DAS MULHERES*

SOBRE O TEMA DA 13ª EDIÇÃO

O Movimento foi o tema explorado nessa edição. Em análise, como a fotografia captura a ação que determina mudança e deslocamento. Desde o desdobramento dos músculos em movimento, o esforço dos atletas para alcançar novos records e a marcha em direção aos Jogos Olímpicos, até a evolução dos corpos enquanto transitam entre gêneros, espaços e países. O movimento pode ser fluido ou caótico, seguro ou perigoso. Ele também representa a unidade de uma luta, a incorporação de uma ideologia ou convicção.

Séries premiadas: www.prixphotoaf.com.br

Concurso: www.prixphotoaf.com.br

Arte

Cultura

Gastronomia
& Bebidas

Turismo

Comportamento

*Aqui você só encontra
notícias boas*

OXIGÊNIO
revista

Seus clientes
ou sua empresa
têm boas notícias
para dar?

Então o lugar é aqui.

ANUNCIE.

Solicite nosso Mídia Kit.

oxigeniorevistabr@gmail.com

(21) 3807-6497 / 97326-6868